

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO LATINO
AMERICANA**

**NOSOTROS E VOSOTROS: A GUERRA DAS
MALVINAS 25 ANOS DEPOIS – RELATOS DE EX-
COMBATENTES**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Caren Luciane Bernardi

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

NOSOTROS E VOSOTROS: A GUERRA DAS MALVINAS 25 ANOS DEPOIS – RELATOS DE EX-COMBATENTES

por

Caren Luciane Bernardi

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Integração Latino Americana, Área de Concentração em História Latino-Americana, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Integração Latino Americana.**

Orientador: Prof. Phil. Dr. Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS, Brasil
2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Integração Latino Americana**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**NOSOTROS E VOSOTROS: A GUERRA DAS MALVINAS 25 ANOS
DEPOIS – RELATOS DE EX-COMBATENTES**

elaborada por
Caren Luciane Bernardi

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Integração Latino Americana

COMISSÃO EXAMINADORA:

Jorge Luiz da Cunha, Dr. Phil.
(Presidente/Orientador)

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (CCSH/UFSM)

Soraia Napoleão Freitas, Dra. (CE/UFSM)

Jânia Maria Lopes Saldanha, Dra. (CCSH/UFSM-RS) – Suplente

Santa Maria, 17 de junho de 2008.

*Dedico este trabalho a meus pais Marino e
Maria Bernardi, por serem os
responsáveis pelo meu encanto pela vida.*

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos e meio de muita luta entre trabalho, aulas do Mestrado, escrita da Dissertação e vida pessoal. São muitas as pessoas a agradecer por terem me ajudado a tornar este sonho possível. Todos os meus amigos, de maneira geral, contribuíram para que eu chegasse a esta etapa da minha vida. Agradeço a todos indistintamente. Porém, alguns se fizeram presentes nos momentos mais árduos desta jornada, e a estes expresso meu sincero “muito obrigada”:

- À minha família, por serem os alicerces que sustentam meu espírito. Aos meus pais Marino e Maria Bernardi, especialmente, por terem recheado minha existência de amor e valores éticos. Tudo o que conquistei até hoje foi para honrar toda a confiança que depositaram em mim, e para que possam dizer que tudo o que abdicaram em meu nome e tudo o que fizeram por mim, “valeu a pena”!

- Ao Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha, por ter aceitado orientar-me, por ter acreditado em meu potencial e, por ter me tratado sempre com muita consideração e respeito. Pela oportunidade de participar do Núcleo de Estudos Sobre Educação e Memória – Povo de Clio, pela acolhida e pelo conhecimento adquirido neste grupo e por ter despertado em mim a paixão pela área da Educação e das Ciências Humanas.

- Aos Professores Júlio Quevedo, Soraia Freitas e Jânia Saldanha, por aceitarem fazer parte da banca de defesa e contribuir para o meu crescimento profissional.

- À Maristela Ribas Schmidt, pela amizade sincera, pelo apoio em todos os momentos, por ter ajudado a tornar este sonho possível, por torcer pela minha felicidade. Meu eterno muito obrigada!

- À Alessandra Muller Gazaneo, por ter enfeitado meus dias de Mestrado e minha vida com sua linda amizade. Pelo companheirismo em todos os momentos e por ter muito mais do que me escutado, por ter me ouvido e ajudado sempre! Por sua generosidade desde o primeiro dia em que nos conhecemos.

- À Cleo Adriano Sabadi Bonotto, por ter sido um grande amigo e um grande incentivador, por ter elevado minha confiança em mim mesma e no meu trabalho toda vez que fraquejei. Pelos momentos que compartilhamos, que foram enriquecimento para o espírito e que, tenho certeza, jamais esqueceremos.

- À June Gallina Correa pelo carinho, pelos conselhos, pelo companheirismo e por mostrar-me as possibilidades toda vez que achei os caminhos nebulosos demais para continuar. Pela amizade verdadeira.

- Aos meus amigos e colegas do Fisiocenter Centro de Atividades Físicas e Fisioterapia, por não terem medido esforços para ajudar-me. Por terem ouvido meus desabaços e enxugado minhas lágrimas. Obrigada pelas lições de trabalho em equipe, união e generosidade.

- À Michele Cioccarri e Taís Pelegrini, palavras são poucas para agradecer por trazerem alegria, amor, apoio e risos aos meus dias. Por terem dividido comigo os momentos mais felizes deste último ano. Utilizarei as palavras de Adriana Calcanhoto: “Avião sem asa, fogueira sem brasa: sou eu assim sem vocês”.

- Aos amigos do Núcleo de Estudos Sobre Educação e Memória – Povo de Clio, pela acolhida, pela troca de experiências, pela contribuição para meu crescimento pessoal. Especialmente às queridas amigas Janice e Cláudia Flores, por terem sido amigas e terem me acolhido em seus corações; à Dalila Varino por ter me ajudado nos momentos de desespero com a metodologia desconhecida, por ter aberto as portas da sua casa em todos os momentos que precisei, por ter sido minha companheira virtual em frente ao computador escrevendo a dissertação, pela

amizade e, sobretudo, por ter me proporcionado muitos momentos de riso solto e alegria .

- Aos colegas do Mestrado e professores, por terem me apresentado um novo e apaixonante mundo. Por terem mostrado um caminho riquíssimo onde apenas dei o primeiro passo.

- Aos meus amados alunos do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria, que são, em grande parte, o motivo pelo qual este Mestrado aconteceu. É o sonho de ser uma docente qualificada e transmitir todo o meu conhecimento a vocês, que me impulsionaram à vir até aqui, e que me impulsionam a ir além. Obrigada pela confiança, pelo carinho e tolerância com minha agitação nos momentos finais do Mestrado. Obrigada por me fazerem querer ser sempre melhor, mesmo que não percebam o quanto me tocam.

- À Victor Cata, Ignacio, Reinaldo Rolan e Gustavo Luzardo, por terem aberto seus corações falando de experiências tão amargas em suas vidas. Pela generosa acolhida em Buenos Aires, pela amizade que se estendeu até os dias de hoje. Por seus exemplos de vida, de honra e de luta por ideais. Mesmo que a Argentina faça silêncio, saibam que as lições que aprendi com vocês e suas histórias estão cristalizadas em minha alma e serão difundidas até onde o meu alcance permitir. Esta dissertação é de vocês e para vocês. Suas vozes não serão silenciadas.

Sola de toda soledad
Pero no tan sola
Porque a su lado, la foto de un rostro
Que siempre tendrá 20 años
Sola de toda soledad
Porque adentro, corazón adentro
Una voz te dice:
Si no es hoy será mañana
La verdad no se resigna,
La verdad no se cansa de esperar
Porque sabe, la verdad
que hay algunos que no se
cansan de buscar.

(Rodolfo Braceli)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Integração Latino Americana
Universidade Federal de Santa Maria

NOSOTROS E VOSOTROS: A GUERRA DAS MALVINAS 25 ANOS DEPOIS – RELATOS DE EX-COMBATENTES

AUTORA: CAREN LUCIANE BERNARDI

ORIENTADOR: JORGE LUIZ DA CUNHA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 17 de junho de 2008.

O objetivo principal deste trabalho é analisar os relatos e recordações dos veteranos da Guerra das Malvinas e entender como foram tratados pela sociedade e pelo Estado do pós-guerra até hoje. Pergunta-se: Em que medida os ex-combatentes foram acolhidos pela sociedade argentina no pós-guerra? Também há outros questionamentos necessários para a compreensão do tema: como vêm a si mesmos? Como querem ser vistos? Que relações construíram com seus compatriotas a partir desta situação? Os veteranos entrevistados têm idade média de 43 anos. Três deles faziam parte do 5º Batalhão de Infantaria Marinha (BIM 5), residentes em Buenos Aires, e um era parte do Exército Argentino, residente em La Plata. Utilizou-se História Oral Temática, por ser uma metodologia que objetiva conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade – os padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, obtidos através de relatos orais. Malvinas teve como saldo mais de 600 mortos e 1200 feridos. O conflito iniciou abruptamente em 2 de abril de 1982, com a ocupação militar do arquipélago das Malvinas pelas tropas argentinas, provocando a reação da Grã-Bretanha. A Argentina vivia uma das ditaduras militares mais sangrentas da América Latina, e o presidente Leopoldo Galtiere estava decidido a explorar o espontâneo apoio popular a recuperação das ilhas, numa tentativa de despertar no povo um sentimento nacionalista que distraísse a atenção dos terrores promovidos pelo Estado. As hostilidades encerraram em 16 de junho de 1982, com a rendição da Argentina, após 74 dias de guerra. As conseqüências do pós-guerra foram graves, traduzidas em altos índices de suicídios e distúrbios psicológicos. Como resultado desses eventos, temos o silêncio da sociedade sobre o tema e a destinação dos ex-combatentes ao esquecimento, ignorando aqueles que defenderam a “causa” Malvinas, causa esta tão apaixonadamente arraigada ao coração do povo argentino.

Palavras-chave: Guerra das Malvinas; relatos; ex-combatentes; sociedade; silêncio.

ABSTRACT

Master Dissertation
Program of Post-Graduation in Latin-American Integration
Federal University of Santa Maria

NOSOTROS AND VOSOTROS: WAR OF THE FALKLAND AFTER 25 YEARS – REPORTS OF EX-COMBATANTS

AUTHOR: CAREN LUCIANE BERNARDI

ADVISER: JORGE LUIZ DA CUNHA

Defense Date and Place: Santa Maria, June 17, 2008

The main purpose of this study is to examine the reports and memories of veterans of the Malvinas War and understand how they are treated by society and the rule of post-war until today. Question is: To what extent the ex-combatants were welcomed by society Argentina in post-war? There are also other questions needed to understand the theme: how they see themselves? How want to be seen? What relationships built with their compatriots from this situation? The veterans interviewed have an average age of 43 years. Three of them were part of the 5 th Marine Battalion of Infantry (BIM 5), living in Buenos Aires, and was a part of the Argentine Army, residing in La Plata. It was used Oral History Subject, as a methodology that aims to understand and deepen knowledge about certain reality - the cultural patterns, social structures and historical processes, obtained through oral reports. Falkland was to balance more than 600 dead and 1200 injured. The conflict began abruptly on April 2, 1982, with the military occupation of the Falkland Islands by Argentine troops, causing the reaction in Britain. Argentina has lived one of the most bloody military dictatorships of Latin America, and President Leopoldo Galtiere was determined to exploit the spontaneous popular support the recovery of the islands in an attempt to awaken in people a sense that nationalist distract the attention of terrors promoted by the state. The hostilities closed on June 16, 1982, with the surrender of Argentina, after 74 days of war. The consequences of post-war were serious, translated into high rates of suicide and psychological disorders. As a result of these events, we have the silence of society on the subject and the purpose of ex-combatants to oblivion, ignoring those who supported the "cause" Malvinas, this question so passionately rooted to the heart of the people of Argentina.

KEYWORDS: War of the Malvinas; reports; ex-combatants; society; silence.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Carta de Cessão

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
LISTA DE ANEXOS.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
1 CAMINHOS.....	16
2 A GUERRA DAS MALVINAS.....	22
2.1 As causas da junta	25
2.2 O nacionalismo e o povo.....	27
2.3 Os soldados.....	31
2.4 Guerra contra quem?.....	38
2.5 A guerra nas entrelinhas.....	41
3 O PÓS-GUERRA.....	44
3.1 Malvinas 25 anos depois: a visão da sociedade em relação ao tema.....	57
3.2 O que os ex-combatentes esperavam da sociedade.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
FONTES E REFERÊNCIAS	77
ANEXOS.....	81

INTRODUÇÃO

Muitas histórias começam com a frase: “Era uma vez”. Esta história tem como início um longo silêncio e um sem fim de interrogações. Como encontrar as palavras mágicas para iniciar este trabalho?

Não há certamente magia nos acontecimentos relatados e na interpretação destes acontecimentos. A Guerra das Malvinas é como um tango, melancolicamente desafinado, que os argentinos gostariam de esquecer.

Ao se completarem 25 anos do conflito nos mares glaciais da Antártica, pretende-se com este trabalho apresentar histórias que permaneceram à margem, tentando revelar as vozes e os silêncios que povoam a memória de quatro argentinos que participaram da guerra.

Início então esta dissertação informando as razões que me levaram à escolha do tema.

Fui à Buenos Aires com o intuito de entrevistar pessoas que adquiriram uma deficiência física na Guerra das Malvinas, para conhecer como foi a inserção social destas, assim como a forma com a qual o Estado e a sociedade reagiram a esta questão. Acreditando que os indivíduos que adquiriram lesões em guerra, teriam

maior facilidade de incluírem-se socialmente por terem uma imagem social positiva, visto que lutaram por seu país no conflito.

Qual não foi minha surpresa quando, ao conversar com várias pessoas em Buenos Aires e La Plata, vejo que, além de haver poucas pessoas com lesão medular – a maior parte das seqüelas são psicológicas, e é alto o número de suicídios – grande parte dos veteranos da Guerra das Malvinas – senão sua totalidade - foi discriminada pela sociedade e Estado, e que há um grande silêncio em torno desta guerra.

Ao participar de um Congresso de Historia Oral em Buenos Aires, conversar com historiadores e com os próprios veteranos, encantei-me com o tema, e aí sim, posso dizer que há um pouco de magia na paixão que o tema despertou-me.

Este é um assunto crucial da história recente Argentina que está pendente. É uma ferida aberta no país.

É preciso compreender este fragmento fundamental da história argentina que a cumplicidade coletiva quer apagar de seu passado.

Embora tenha lido previamente sobre a guerra, ao final das entrevistas concluí que não sabia praticamente nada sobre esta, e menos ainda se a vejo sob a ótica dos soldados.

Não é possível pensar em uma memória sobre as ilhas que domine as demais, porque a reclamação de reconhecimento dos mais afetados choca-se com a vontade de esquecer e a simplificação de quem apostou na recuperação das ilhas através da guerra.

Que guerra terminou nas ilhas Malvinas em 14 de junho de 1982? Que guerras começaram neste mesmo dia?

O objetivo principal deste trabalho é analisar os relatos e recordações dos veteranos da Guerra das Malvinas e entender como foram tratados pela sociedade e pelo Estado do pós-guerra até hoje. É conhecer as distintas formas como esta guerra foi vivida pelos combatentes e suas conseqüências.

Pergunta-se: Em que medida os ex-combatentes foram acolhidos pela sociedade argentina no pós-guerra?

Também há outros questionamentos necessários para a compreensão do tema: como vêem a si mesmos? Como querem ser vistos? Que relações construíram com seus compatriotas a partir desta situação?

Os veteranos entrevistados têm idade média de 43 anos. Três deles faziam parte do 5º Batalhão de Infantaria Marinha (BIM 5), residentes em Buenos Aires, e um era parte do Exército Argentino, residente em La Plata.

Não se pode fazer história ignorando a voz das vítimas e dos sobreviventes.

Dentro de uma perspectiva latino-americana, justifica-se a importância do tema, pois a Guerra das Malvinas foi a única guerra que tivemos no século XX, foi o primeiro conflito entre um país desenvolvido e um país importante da América do Sul. Além disso, é uma ferida que ainda sangra em um país vizinho ao Brasil, que faz parte do Mercosul e que, juntamente com o Brasil, deu início ao Tratado de Assunção.

Malvinas teve como saldo mais de 600 mortos e 1200 feridos. O conflito iniciou abruptamente em 2 de abril de 1982, com a ocupação militar do arquipélago das Malvinas pelas tropas argentinas, provocando a reação da Grã-Bretanha. A Argentina vivia uma das ditaduras militares mais sangrentas da América Latina, e o presidente Leopoldo Galtiere estava decidido a explorar o espontâneo apoio popular a recuperação das ilhas, numa tentativa de despertar no povo um sentimento nacionalista que distraísse a atenção dos terrores promovidos pelo Estado. As hostilidades encerraram em 16 de junho de 1982, com a rendição da Argentina, após 74 dias de guerra. As consequências do pós-guerra foram graves, traduzidas em altos índices de suicídios e distúrbios psicológicos.

O título deste trabalho traduz uma das maiores contradições desta guerra, que foi o fato do povo ter apoiado a investida bélica em 2 de abril e, mais tarde, ter colocado a culpa do fracasso do conflito em um grupo minoritário (os veteranos) que assumiram uma responsabilidade coletiva.

Somos “Nosotros” quando vamos à Praça de Maio manifestar nossa vontade de que os jovens soldados vão ao arquipélago lutar por nossas terras, soldados que foram através do serviço obrigatório militar e que teriam em média 18 anos. São “Vosotros” quando retornam ao país após a derrota, trazendo uma carga de mortes e sofrimentos.

Como resultado desses eventos, temos o silêncio da sociedade sobre o tema e a destinação dos ex-combatentes ao esquecimento, ignorando aqueles que defenderam a “causa” Malvinas, causa esta tão apaixonadamente arraigada ao coração do povo argentino.

Quando perguntei a uma pessoa (civil) porque a sociedade quer ocultar e esquecer os veteranos de guerra, ela me respondeu: “Los veteranos eran una demonstración visible de todo lo que hicimos”.

Passaram 25 anos e cremos que a memória deveria reparar a injusta negação do papel dos soldados. Eles não elegeram ir à guerra, sofreram todas as suas conseqüências e foram relegados ao esquecimento. Ainda não receberam o merecido reconhecimento de seus compatriotas.

Este trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro apresenta o caminho percorrido para a realização deste estudo: as motivações que nortearam a pesquisa, as circunstâncias em que estas se deram e a escolha metodológica. O segundo capítulo trata da Guerra em si, de suas causas, de seus protagonistas, das experiências no campo de batalha e do sentimento nacionalista enraizado no coração argentino. O terceiro capítulo expõe o pós-guerra, a forma com que os veteranos foram tratados, a visão da sociedade em relação aos ex-combatentes, a forma com que estes queriam ser vistos e como vêem a si mesmos. Posteriormente, seguem algumas considerações finais.

CAPÍTULO 1

CAMINHOS

Minha trajetória acadêmica começou no curso de Fisioterapia da UFSM. Desde o início, interessei-me por questões sociais. Sempre pensei que não adiantaria reabilitar um indivíduo e este não fosse reinserido na sociedade. Foi pensando assim, que na graduação desenvolvi um projeto que visava a inclusão social de pessoas com deficiência. Na especialização também segui este caminho. Ao buscar um mestrado, optei por escolher algum onde eu pudesse estudar e lutar por questões sociais, algo que ampliasse meus horizontes, que me tirasse do binômio saúde-doença e onde eu pudesse sentir que estaria contribuindo para a promoção de justiça social.

Foi então que entrei no Mestrado em Integração Latino-Americana. Minha primeira intenção foi continuar trabalhando com a questão da exclusão das pessoas com deficiência física.

Sabendo que o surgimento da Fisioterapia, dos Centros de Reabilitação e dos Esportes Adaptados se deu após a Segunda Guerra Mundial, devido à grande quantidade de pessoas que apresentaram seqüelas físicas no pós-guerra,

interessei-me por estudar a reação da sociedade e Estado argentinos frente aos incapacitados oriundos da Guerra das Malvinas.

Para tanto, pesquisei na Internet e entrei em contato com vários Centros de Ex-combatentes da Guerra das Malvinas, na tentativa de conseguir contato com veteranos que apresentassem deficiência física para, futuramente, entrevistá-los.

Surpreendi-me com a receptividade e disponibilidade dos ex-combatentes argentinos, visto que quase todos os e-mails enviados foram respondidos.

A mudança de rumo começou a mostrar indícios nesta fase da pesquisa.

Para minha surpresa, todos os e-mails que recebi diziam que naquele Centro não havia pessoas com seqüelas físicas, mas mostravam-se entusiasmados e felizes pela minha iniciativa de entrevistar veteranos.

E o mais surpreendente, todos se queixavam de exclusão social. Percebi, então, que parecia não precisar de seqüelas orgânicas para ser repudiado pela sociedade argentina. qualquer pessoa que tivesse participado da Guerra das Malvinas era marginalizado. Comecei a me questionar: por quê?

Muitos dos e-mails enviados pelos ex-combatentes expressavam a imensa alegria em conhecer alguém que tivesse interesse por eles, pela guerra que lutaram e por suas histórias de vida.

Reproduzo aqui trechos de alguns dos e-mails recebidos:

(...) Me despirtas interes en poder mantener un dialogo con tigo, veo que tu sacrificio es magnifico y ojala pudas lograr tu objetivo, aunque no sera facil, por la falta de capacidad intelectual de algunas personas, principalmente politicos, puestos a dedo y sin nada de preparacion.

Pero vale muchisimo el intento y quiera Dios te bendiga. Un fuerte abrazo, te espero seguro que algo se puede hacer.

PD: no me considero ningun heroe, creo que ese calificativo le corresponde a los que no tuvieron la suerte de regresar para contar sus vivencias. Solo creo que cumpli con mi mision.

Nuevamente gracias y Dios te ilumine hermana querida. Viva mi Pátria, las Malvimas son ARGENTINAS (OMAR LIBORIO, 2007).

“(...) Muy agradecidos que personas en forma particular tomen la posta de lo que debería hacer el Estado Argentino” (JORGE DI PIETRO, 2007).

“(...) hoy sin conocerte te deseo feliz dia del amigo (...) ya que la causa que nos puede unir, yo los considero hermanos y eso es más que amigos . Dios guie tus proyectos. Gracias (OMAR LIBORIO, 2007).

Agradesco su interes por los veteranos de guerra de Malvinas ,tan olvidados y discriminados por nuestro gobernantes. Además fui herido en combate y condecorado. No sé si ello te sirve para tu trabajo de investigacion, pero de ser así conta con todo mi apoyo.
Te deseo el mayor de los exitos y que Dios te bendiga coronando de gracia tu esmerado y valiente esfuerzo, por los que casi no tenemos voz.
Atte. Un fuerte abrazo (OMAR LIBORIO, 2007).

Munida deste incentivo, cheguei a Buenos Aires em setembro de 2007 para iniciar minha pesquisa, ainda procurando por pessoas com deficiência.

Ao conhecer os Centros de Veteranos da Guerra das Malvinas, apaixonei-me pela história que contavam e decidi mudar o rumo de meu trabalho.

Queria contar suas histórias, queria contar aquilo que os livros tradicionais sobre a Guerra não contam: falar dos sentimentos, dos anseios, dos medos, das tristezas, das emoções.

Queria dar voz àqueles que sofreram na pele a dureza de uma guerra. Queria mostrar a guerra “vista de baixo”, do ponto de vista dos soldados, daqueles que foram jovens para o campo de batalha e que, alguns meses depois, retornaram à Argentina homens feitos e marcados para sempre por esta experiência.

Participei de um Congresso de Historia Oral em Buenos Aires e conversei com historiadores argentinos que, por unanimidade, me disseram: “sobre Malvinas no se habla”. Falei com professores de história da Faculdade de Buenos Aires, que não tratavam da guerra em suas aulas. Falei com pesquisadores que não trabalhavam com o tema. Até encontrar um grupo de historiadores que estava realizando um documentário com relatos de ex-combatentes das Malvinas, e traziam isto para o congresso como uma das raras iniciativas na Argentina para dar voz aos veteranos.

Mais do que nunca, tive a certeza de que era isso que eu queria. Levar para meu país a história de nossos vizinhos argentinos, contar para minha gente o que há por detrás desta guerra, e mostrar o que se faz com os seres humanos em nome do poder.

Era preciso iniciar, então, as entrevistas, coletar depoimentos e escutar vozes ainda não ouvidas e registradas antes que o tempo as silenciasse em definitivo.

Estudar memória é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, da forma intermediária, que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social. E, no campo das memórias subterrâneas, é falar também nas memórias dos excluídos, daqueles que a

fronteira do poder lançou à marginalidade da história, a um outro tipo de esquecimento ao lhes retirar o espaço oficial ou regular da manifestação do direito, à fala e ao reconhecimento da presença social (TEDESCO, 2002, p.31) .

“A história (...) se constitui de fatos que reclamam sentidos, cuja materialidade não é passível de ser apreendida em si, mas só no discurso” (ORLANDI, 2002, p.101).

Para realizar este trabalho escolhi como metodologia a História Oral Temática, por ser uma metodologia que objetiva conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade – os padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, obtidos através de relatos orais.

Haguetti (1987) define:

a) A História Oral é uma técnica de coleta de dados baseada no depoimento oral, gravado, obtido através da interação entre o especialista e o entrevistado, ator social ou testemunha de acontecimentos relevantes para a compreensão da sociedade; b) a História Oral tem por finalidade o preenchimento de lacunas existentes nos documentos escritos, e assim, prestar serviço à comunidade científica através da socialização de seu produto; c) a História Oral é interdisciplinar, interessando à História, à Sociologia, à Ciência Política e mesmo ao Jornalismo; d) embora caracterizada como uma técnica, ela não prescinde de teoria que informa o objeto a ser reconstituído; e) como instrumento de captação de dados ela sofre de algumas limitações comuns a outros instrumentos de coleta (HAGUETTE, 1987, p. 83).

Acredita-se que esta metodologia seja a melhor a ser empregada pois:

A memória social dinamiza e/ou traz presentes os chamados “subterrâneos da memória”. A história e a memória oral são duas dinâmicas que provocam e resgatam os conflitos da memória, retomando o silêncio, remexendo feridas, denuncia as zonas de sombra e os resíduos. As memórias subterrâneas fazem seu trabalho de subversão no/do silêncio muito calmamente. Os momentos de crise, de exacerbação do estigma, de alterações temporais, são férteis para romper com zonas de silêncio, com as fronteiras entre o dizível e o indizível (TEDESCO, 2004, p.161).

O meu objetivo na escolha da História Oral é o fato desta:

(...) Criar condições (voz e vez) para ouvir e problematizar vozes esquecidas, enquadradas, excluídas e/ou incluídas marginalmente adentrando na esfera da cidadania social, da terapêutica, na medida em que permite a apropriação e a externalidade pública de experiências vividas (TEDESCO, 2002, p.9-10).

Um aspecto importante a ser levado em consideração ao se trabalhar com histórias de vida, é que o entrevistado fala de acordo com a sua visão, e faz uma reelaboração do que viveu.

(...) O sujeito, ao evocar/lembrar, não conta o que aconteceu, mas a sua reelaboração, a representação do real na qual as vivências do presente interferem, em diferentes escalas, no processo de reconstituição. A memória envolve campos de significados que são constituídos nas relações sociais (grupos de referência e espaços de sociabilidades, como família, escola, grupos de lazer, partidos, associações, etc. (TEDESCO, 2002, p.24).

Os veteranos entrevistados para realização deste trabalho, têm uma idade média de 43 anos. Víctor Cata, Ignacio e Reinaldo Rolan eram do Batalhão da Infantaria Marinha 5 e residem atualmente em Buenos Aires. Víctor Cata é integrante da Marinha Argentina e Ignacio, dirige um Centro de ex-combatentes da Guerra das Malvinas. Reinaldo Rolan é sargento da Marinha Argentina. Gustavo Luzardo era soldado do Exército Argentino e reside atualmente em La Plata onde é proprietário de um posto de combustível.

Para estes veteranos recordar os eventos de 1982 continua sendo difícil, doloroso. Há também o repúdio ao uso jornalístico das entrevistas. Mas, felizmente, aceitaram conversar comigo por se tratar de um trabalho acadêmico e sério.

Em vista das emoções que o assunto desperta, optei por realizar entrevistas abertas, sem questionário ou roteiro de entrevistas. Desta maneira poderia facilitar o diálogo. Não devemos jamais colocar o interesse profissional acima do bem-estar emocional dos entrevistados, pois podemos agravar traumas profundos.

Um fator que facilitou o acesso ao mundo dos entrevistados foi o fato de eu ser estrangeira e estar ali para escutar e aprender com suas histórias.

Optei, neste trabalho, por utilizar os nomes reais dos entrevistados, com a permissão dos mesmos (ANEXO A), pois um dos objetivos desta pesquisa foi mostrar a existências destas pessoas que combateram por seu país, e que querem deixar de ser sombras para tornarem-se luz.

A primeira entrevista foi realizada com Víctor Cata, em setembro de 2007. Em virtude do horário e da disponibilidade do entrevistado, foi realizada em um Café (bar) e teve duração de aproximadamente 4 hs.

A entrevista seguinte se deu num Centro de Ex-combatentes no Banco de La Nación. Ao chegar ao local fui recepcionada por 3 ex-combatentes que fizeram

questão de contar-me suas histórias, mostrar-me fotografias e até presentearam-me com um livro sobre a atuação do Batalhão de Infantaria Marinha Número 5 durante a Guerra das Malvinas (os dois pertenciam a este batalhão). A entrevista com dois destes veteranos (Ignácio e Reinaldo Rolan) durou aproximadamente 4 horas.

Posteriormente, fui à La Plata realizar outra entrevista. Ao chegar à cidade, deparei-me, na praça, com uma manifestação de veteranos da Guerra das Malvinas, reivindicando seus direitos. Várias faixas diziam: “Por justicia social: no a la discriminación”, “estamos aqui hace 207 días contra el olvido y la discriminación”. Tentei entrevistar mais alguns veteranos mas, como sempre estamos sujeitos a imprevistos, acabou a bateria do aparelho de gravação e, como só poderia ficar um dia em La Plata, tive que abrir mão destes testemunhos.

Em La Plata entrevistei Gustavo Luzardo, que me recebeu em seu escritório e falou sobre Malvinas por 3 horas. Posteriormente levou-me para conhecer sua casa e sua família, tamanha era a alegria em poder contar sua experiência para uma brasileira.

Voltei para o Brasil mais emocionada do que fui. Conheci um mundo novo: o trabalho técnico (pois nunca tinha trabalhado com história oral) e histórias de vida riquíssimas.

Voltei crescida enquanto pesquisadora e enquanto ser humano. Pude conhecer de perto as tristezas e traumas que uma guerra produz na alma de uma pessoa. Pude conhecer pessoas que viram a morte de perto e que me mostraram o quanto é importante valorizar a vida. Além de conhecer um pouco mais dos sentimentos do povo argentino e, principalmente, entender um pouco mais a paixão os une quando se trata das Ilhas Malvinas.

E é esta história, com personagens verídicos, que começo a narrar...

CAPÍTULO 2

A GUERRA DAS MALVINAS

Os militares assumiram o poder na Argentina em 1976 pela força, dando início a última ditadura militar, onde o terror, a crueldade e a opressão do povo imperaram.

Em 1982 encontrava-se na presidência o general Leopoldo Galtieri, que havia adotado o neoliberalismo econômico e o alinhamento com os EUA.

A Argentina encontrava-se, então, em crise, caracterizada pela crescente inflação, adoção do monetarismo liberal, instabilidade e inconformidade político-social, perda da capacidade produtiva das indústrias, rebaixamento do nível de vida da população, alta dos gêneros de primeira necessidade, somados a incapacidade administrativa, excesso de despesas públicas, endividamento externo, belicismo, denúncias de tortura e desaparecimento de pessoas (ZAMBON, 1999).

As denúncias de assassinatos e desaparecimentos multiplicavam-se dentro e fora do país, com cifras de 8 mil a 30 mil mortos ou desaparecidos. A inflação chegava a 200%, o desemprego era o maior da história do país, os trabalhadores estavam mais pobres, o país desindustrializara-se com a política neoliberal de Martinez de Hoz, as vendas caíam e as grandes multinacionais abandonavam o país (em 1982) (CAPARELI, 1989, p. 100).

Em 30 de março de 1982 os argentinos foram à Praça de Maio protestar contra o governo militar, contra a crise econômica e contra os crimes cometidos contra o povo.

“(…) a polícia usara gás lacrimogêneo e cassetetes na Praça de Maio para dispersar uma das maiores manifestações antigovernamentais em sete anos de regime militar, resultando na prisão de 2000 pessoas” (QUEIROZ, 1986).

A situação era incontrolável para a Junta Militar. O general Galtieri, buscando uma solução para a crise interna, decidiu ocupar as Ilhas Malvinas, cuja soberania estava nas mãos da Grã-Bretanha (ROZITCHNER, 2005).

Recebeu apoio dos partidos políticos proscritos e dos mesmos sindicatos que, uma semana antes, exigiam o fim do regime militar.

O interessante é que dois dias depois da manifestação antigovernamental na Praça de Maio, as mesmas pessoas, inclusive um dos ex-combatentes entrevistados nesta pesquisa, estavam novamente na Praça de Maio apoiando a Junta Militar e a guerra que esta propunha.

A guerra começou em dois de abril. Trinta de março foi uma das últimas manifestações grandes que houveram, uma repressão muito grande. Eu estive nesta repressão, o próprio exército também. E depois nos mandaram para Malvinas. No dia 30 reclamavam da situação do país, lutava-se pela liberdade do país, contra a ditadura. Em dois de abril nos mandam ir (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Após a decisão de tomar as ilhas, Galtieri procurou o concurso do povo, no sentido de apoiá-lo na política agressiva, apelando para o sentimento nacionalista dos argentinos, que ansiavam pela recuperação das ilhas “que lhes haviam sido roubadas pelos ingleses” (QUEIROZ, 1986).

A resposta dos argentinos foi positiva e a partir daí uma campanha publicitária passou a estimular o patriotismo do povo em benefício da guerra.

Em dois de abril de 1982, as três forças argentinas: exército, aeronáutica e marinha, foram lutar no arquipélago localizado no sul do continente americano.

(…) no sábado (dois dias após a manifestação contra o governo militar), após a invasão das ilhas, mais de cem mil argentinos ocuparam a Praça de Maio para saudar freneticamente o General Galtieri, numa explosão espontânea de orgulho patriótico (QUEIROZ, 1986, p. 352).

Eu tenho uma atitude pacifista, não bélica. Hoje em dia não apostaria em uma guerra por Malvinas. Não seria capaz de ter uma gota de sangue a mais derramada, de nenhum lado. Mas na época se é jovem e a propaganda da ditadura dizia que os anos de ditadura que vivemos chegaram à plenitude. Eu tinha possibilidade de não ir, mas fui. Fui convencido de que Malvinas eram nossas. Mas também pensando que iria voltar. Somente em primeiro de maio nos demos conta de todo o bombardeio (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Subitamente o General Galtieri tornou-se um herói popular.

Al ponerse la diestra de los “justos intereses populares”, hasta el tener que elegir el mal menor se esfumó. La justicia distributiva, que distribuye lo bueno y lo malo, recae ahora en la apreciación justa del pueblo, que no teme mancharse las manos y le dice “sí” a lo bueno de Galtieri y le dice “no” a lo malo (ROZITCHNER, 2005, p.21).

A seguinte afirmação explicita exatamente a percepção daqueles que não apoiaram a reivindicação frente à multidão na Praça de Maio:

La movilización en torno a la guerra se restringe a un gesto automático de una masa nacionalista frente al estímulo de un general borracho y torpe que supo qué cuerdas pulsar a danzar en una plaza que les estaba vedada hasta hacía unos días (LORENZ, 2006, p. 42).

O presidente estava louco. Os Estados Unidos o pagava para manter um governo militar aqui na Argentina. O governo argentino achava que os norte-americanos iam ajudar. Mas quem são os primos da Grã-Bretanha? São os norte-americanos. A importância da guerra foi a soberania, 150 anos de usurpação (VICTOR CATA, 2007).

A guerra foi se desenvolvendo desfavoravelmente para os militares das três forças argentinas, mas a campanha psicológica oficial imposta ao povo prosseguia alimentando uma esperança inatingível.

Embora a Grã-Bretanha ganhasse, a Junta Militar ainda garantia que a bandeira que panejava no gélido vento das Malvinas, ali hasteada a 2 de abril, jamais seria arriada. Não admitiam a possibilidade de derrota até o dia da rendição (QUEIROZ, 1986).

Na mídia televisiva, nas rádios, nos cinemas, na imprensa, nas ruas, o que se via era a propaganda oficial, apresentada por uma mão fechada, polegar para cima e a legenda: “Argentina, a vencer!”.

O governo militar não percebeu, ou não desejou avaliar o nefasto clima que fomentava ou, se o percebeu, não encontrou um meio de mudá-lo. O único acréscimo feito à campanha publicitária foi uma sutileza, para tentar evitar a reação oposicionista. À frase “Vamos vencer”, juntou-se “Unidos é mais fácil”.

O povo argentino, com a notícia da derrota, teve seu sonho destruído. Centenas de pessoas correram à Praça de Maio para protestar e chamar os generais de traidores.

Em 15 de junho, a Argentina mostrou ao mundo a Praça de Maio realmente ressuscitada. A população estava ali, pretendendo mudar as páginas da História. Os militares perceberam que não mais podiam controlar a situação.

“Los niños murieron y sus comandantes se rindieron”, gritava o povo inconformado, visivelmente enfurecido (QUEIROZ, 1986).

2.1 As causas da junta

Para a Junta Militar, a Guerra das Malvinas foi provocada por motivos variados. O arquipélago possuía um grande valor no campo externo como a posição geo-estratégica em relação ao Estreito de Magalhães, a possibilidade de recursos minerais, inclusive petróleo, e as suas projeções sobre o Continente da Antártica. Entre os fatores determinantes no campo interno estava o objetivo de desviar a atenção do povo das dificuldades sociais e econômicas (QUEIROZ, 1986).

Porém, a recuperação das Malvinas foi, principalmente, um pretexto político. Um recurso extremo da Junta Militar para tentar salvar um governo que estava se deteriorando frente à desconformidade geral. Não há dúvidas de que ambos os governos, argentino e britânico, encontraram nesta guerra um pretexto para encobrir com o nacionalismo suas respectivas crises internas.

(...) Más allá del pretexto que sirve a ambos gobiernos (Thatcher Y Galtieri), sin embargo la magnitud que he adquirido el conflicto tanto como las informaciones existentes respecto de las riquezas potenciales del Atlántico Sur y las hipótesis relativas al valor estratégico del mar austral, inducen a pensar que lo que está en juego es algo mucho más trascendente, complejo e importante que lo que podría deducirse de los comentarios y apreciaciones más generalizados acerca de esta guerra no declarada (ROZITCHNER, 2005, p. 22).

Os militares precisavam desviar a atenção do povo do terror que foi imposto à estes, das mortes e desapareições de dezenas de milhares de argentinos, da tortura, da humilhação e embrutecimento, que foram formas de domínio da sociedade civil.

Los militares se hacen los sordos, miran hacia otro lado, quieren desviar la vista del crimen y quieren que todo el país desvie la mirada do que está en su macabro y horriendo origen. Los militares quieren, a diferencia de las madres, el olvido social: quieren despojarlo de su significación (ROZITCHNER, 2005, p.75).

“Porque hay una cosa que hay que entender: nuestro propio gobierno trató de ocultar lo que fue la guerra.” (VICTOR CATA, 2007).

O que a Junta Militar diz ao povo é que está ao lado dos “justos interesses populares”. Porém, será que os “justos interesses populares” são as Malvinas? O inimigo principal neste momento não são os Estados Unidos e a Inglaterra, mas as forças militares argentinas que invertem o jogo a seu favor em um momento em que a soberania efetiva do país foi destruída pelos mesmos militares que defendem o conflito com a Inglaterra.

En la conyuntura abierta hacia fines de 1981, el gobierno militar precisaba imperiosamente proporcionarse un resultado que permitiera revertir su cada vez más desfavorable situación – en lo que atane a la relación entre el regimen y la sociedad argentina, y al alarmante frado de fragmentación y deterioro del próprio regimen (PALERMO, 2007, p. 209).

En todo caso, para Galtieri y sus complices que se combatiera (y eventualmente se perdiera) en Malvinas, podria ser mejor que una retirada pacifica: el combate comprometia a “todos” los militares, diluía las responsabilidades, y, en el peor de los casos, siempre quedaba la esperanza de que una derrota pudiera ser vista como un glorioso sacrificio al servicio de la Pátria – que se derramase sangre en este juego carecia para Galtieri de la menor importancia, como el mismo lo reconoció sin empacho un año despues del conflicto (CLARIN, 1983 apud PALERMO, 2007, p. 254)

A Junta Militar tenta reconstruir a nação oferecendo ao povo trocar a “guerra suja” que era a ditadura, por uma outra guerra, uma “guerra limpa”: Malvinas.

Na verdade, as duas guerras são sujas.

(...) Y si me quieren hablar de un “nacionalismo” que tenemos que aceptar sob pena de quedar afuera, porqué las clases populares, que son nacionalistas, por su mismo nacionalismo obnubilado, pasional si pero no visceral, quieren aceptar la transación de canjear muertos por muertos e igualarlos, tenemos entonces que elegir entre esas dos formas de nacionalidad (ROZITCHNER, 2005, p.76)

Falar sobre o nacionalismo argentino, é falar de um modo particular de se conceber a nação, que vê o Estado como mais importante do que a República, onde a oposição ao externo, ao antinacional, ocupa um papel dominante na definição da identidade nacional. Há uma busca pela unidade cultural e espiritual do povo (PALERMO, 2007).

E foi justamente este nacionalismo argentino que a Junta Militar soube explorar.

2.2 O nacionalismo e o povo

As condições econômicas, políticas e estratégicas que desagradavam ao povo e sustentava a Junta Militar como sendo o “mal maior”, o inimigo principal no interior da nação, de repente se vêm minimizadas e há uma inversão da hierarquia anterior. O que antes era mais importante para os argentinos – os atos de entrega da soberania do país, os assassinatos, as torturas, a ocupação militar – é transformado em menos importante frente ao que se revela ocupando na hierarquia o lugar primordial: o nacionalismo, que encontra uma forma de manifestar-se através das Malvinas (ROZITCHNER, 2005)

Las masas quieren el triunfo de esa causa - la recuperación de las Malvinas – realizada de cualquier manera, aunque quienes lo realizan sean, como lo son, los mismos que las torturan, las reprimen y las destruyen junto con el país (...) las masas creen que los que las destruyen y las oprimen y las explotan pueden al mismo tiempo, y em otro nivel – superior claro está – ser justos y realizar una acción de recuperacion soberana, anticolonial, que ellas también desean... (ROZITCHNER, 2005, p.56).

Uma ação importante que demonstra o forte nacionalismo que foi despertado no povo, foi a mobilização na Praça de Maio, que precedeu o desembarque de dois de abril. Esta mobilização foi brutalmente reprimida pelo governo, no dia 30 de

março de 1982. O apoio dos argentinos à causa militar após este fato, reforça a leitura da guerra como uma saída política da Junta que se sustentava no fato de existir uma massa que não encontrava inconvenientes em apoiar aqueles que os haviam reprimido dias antes.

Y cuando estamos ahí (...) por ahí empezamos a ver la gente que empezaba a ir a la Plaza (...) y yo le digo al que estaba laburando conmigo: “Éstos son todos locos, ayer nos corrieron a palos y ahora estos vienen a festejar que éstos tomaron las Malvinas, esto es una locura, como es la gente”, le decia yo, porque no me cabia en la cabeza, porque hacia dos dias que te habian corrido a palos y después salir a festejar con los milicos (...) No entendia (...) En realidad uno decia bueno, la alegria es decir bueno, las Malvinas son nuestras, estamos en Malvinas, pero después vimos lo que pasó (...) En realidad salieron a matar pibes, porque no hubo otro sentido (...) Se hizo el tema de la desaparición acá, y mandaron los pibes allá a Malvinas, con el fin de eliminar a toda una generación (...) Yo no apoyaba. Incluso la gente se iba allá a festejar, y yo decia esto es una locura. Pero lo relacionaba com esto de que las Malvinas son argentinas (LORENZ, 2006, p.47)

Para os excombatentes, a sociedade foi tão culpada pela guerra quanto a Junta Militar pois o Estado não declararia guerra sem o apoio da sociedade, sem uma praça repleta de pessoas dizendo “sim” à Guerra das Malvinas.

(...) Você pensa que fomos à guerra porque o governo militar queria que fôssemos à guerra? O governo militar foi à guerra porque a sociedade apostou na guerra. Havia quatro dias que havia golpeado as pessoas em uma manifestação na Praça de Maio e depois as pessoas vão aplaudir o governo na Praça de Maio. Quem está mais louco? Eu que vou a guerra ou você que vai à Praça de Maio apostar na guerra? Se eu sou o governo militar e digo que vou tomar as Malvinas, e saio à sacada e vejo que não há ninguém, eu vou à guerra? Sou louco se vou fazer isto porque se a sociedade não me apóia. Agora, se vejo que vêm todos, como não vou à guerra? Quem tem mais culpa: a sociedade ou os militares? A sociedade tem culpa, porque se ninguém tivesse ido à Praça de Maio, os militares não iriam para a guerra. (VICTOR CATA, 2007)

Para os argentinos a tortura, as violações, se absolveriam: o combate suturaria as feridas.

El 2 de abril de 1982, cuando todavia se respiraban en las calles los restos de los gases lacrimogenos del comienzo de una nueva etapa de dura represión policial, estalló la unidad nacional. (...) Las fuerzas armadas argentinas tomaron las Malvinas cumpliendo los sueños infantiles y juveniles de varias generaciones de argentinos y el país adviertió con júbilo que aun tenía pátria, orgullo y dignidad (LORENZ, 2006, p. 62).

O forte nacionalismo se expressa nesta reação intensa do povo argentino que vê a possibilidade de satisfazer sua sede de unidade na questão Malvinas.

(...) Comoquiera, el impulso unanímista tiene un objeto, un destinatario aparentemente alcanzable: Malvinas encarna ese ideal, ya que la malvinidad es (dice de si misma) unánime; realiza, imaginariamente, esa uniformidad de criterios, fines, pasiones. Torna verosímil, en un perpetuo presente, el unanimismo; en lenguaje nacionalista podríamos decir que Malvinas indica el camino: si los argentinos estuviésemos en todo unidos cómo lo estamos en Malvinas, entonces a la Argentina le iría bien (PALERMO, 2007, p.18).

En la Argentina el único tema que une a todos es la competencia frente a otras naciones... cualquier otra bandera nos desune. (...) A menos que se ponga delante del pueblo argentino un programa básico de reafirmación de la argentinidad, todo lo que se desvie de ese programa nos arrojará otra vez a la división (EL CRONISTA COMERCIAL, 14/02/82, apud PALERMO, 2007, p. 212).

A Argentina se vê incompleta, mutilada, como se ao perder as Malvinas lhe houvesse sido cortado um pedaço, não de terra, mas de sua alma. O nacionalismo faz com que os argentinos se percebam mutilados em sua identidade, não somente em seu território. E permanece sendo assim até os dias de hoje, onde Malvinas continua sendo uma ferida aberta no coração argentino (ANEXO B).

(...) todo flamante presidente habla de Malvinas en su discurso inaugural. Malvinas es el tema principal de nuestra agenda en las Naciones Unidas, y la única disposición normativa explícita de política exterior de la Constitución vigente versa sobre el archipelago. Malvinas es tan perfecta para nuestro nacionalismo, que es el lente con el que miramos al mundo y el lente con que el mundo nos mira a nosotros. En marzo de 2006, los vecinos de Fray Bentos salieron en manifestación en respaldo de la construcción de las papeleras, y algunos de los carteles decían: "Las Malvinas son argentinas, las papeleras son uruguayas (PALERMO, 2007, p. 24).

A seguinte fala de um excombatente demonstra o sentimento argentino de pertencimento das Malvinas e a inconformidade em relação ao comportamento da Inglaterra em relação às ilhas. Apesar do território ser britânico, ainda assim os argentinos vêem as Falklands como suas.

A política mundial foi nefasta porque a Grã-Bretanha antes de ir para a guerra, não se interessava por Malvinas. Eu te pergunto: te serve algo aonde vais plantar algo e não vai crescer? Te serve manter algo que se está pagando, pagando, pagando... para nada? A política da Grã-Bretanha sobre Malvinas antes de ir para a guerra era mandar um barco com víveres

à Malvinas. A princípio enviava 20 barcos, depois começou a diminuir o número de barcos. Antes da Guerra Malvinas, para Malvinas ia um barco por ano. Agora, eu pergunto: era mais caro mandar um barco por ano ou mais barato? Era mais barato.

Onde os moradores da ilha tinham que ir? Onde compravam suas roupas ou alimentos? Da Argentina. Onde seus filhos nasciam? Na Argentina. A Argentina mandava barcos, aviões... Você queria alguma coisa, no outro dia estava lá quando pedia à Argentina. Se pedia para a Grã-Bretanha, esperava um ano e meio. Eles compravam da Argentina, era mais rápido, mais barato e tinha o serviço completo à porta. Agora, os britânicos são muito britânicos. Você tinha um milhão de libras esterlinas em moeda Falkland. Você com esta moeda não vai à Grã-Bretanha, você não tem nada. Agora se eu tenho um milhão de pesos argentinos e vou à Grã-Bretanha, vale a moeda? Sim, Argentina tem respaldo mundial. Um milhão de pesos argentinos, em Argentina é moeda? Sim. Se eu sou britânico e tenho um milhão de libras esterlinas em moeda Falkland, me serve em Grã-Bretanha? Não tenho nada. Esta moeda é inferior. Esta moeda valia somente nas ilhas, não para fora. Devia haver respaldo britânico.

Os britânicos estão invadindo espaço marítimo argentino, encontram petróleo mas não é seu, pescam mas não é sua a pesca. Estão roubando (VICTOR CATA, 2007).

Uma outra faceta da cultura nacionalista argentina é o Decadentismo, que é uma forma de expressar a idéia de que o final trágico de uma perda impede o país de realizar-se plenamente (PALERMO, 2007).

“(...) Nos cuenta que ‘fuimos una gran nación, pero dejamos de serlo al equivocarse el camino’” (PALERMO, 2007, p. 18).

O Decadentismo em algumas ocasiões ultrapassa a linha do lamento pela decadência, vendo um viés positivo nesta decadência, que mostra uma virtude heróica, uma nobreza, a partir da qual o país enfrenta uma perda histórica (objetiva), mas apesar dela é forte o suficiente para erguer-se novamente. Portanto, a perda identifica o país positivamente e é possível então celebrá-la.

Não há contradição entre o lamento e a celebração orgulhosa da decadência, porque embora paradoxo, ela é, para os argentinos, a “celebração de si mesmos”. Há a busca de agentes externos perversos que os prejudicam e ao mesmo tempo os enobrecem ao convertê-los em seus inimigos (PALERMO, 2007).

(...) fuimos alguna vez a nación importante entre las naciones, y estamos destinados a volver a serlo. (...) Así las cosas, no es raro que una y otra vez florezca en nosotros, de cara al mundo, un talante desafiante, una disposición con frecuencia provocadora, que logicamente conduce una y otra vez a la frustración (PALERMO, 2007, p.19).

A celebração orgulhosa da Decadência é identificada na fala do ex-combatente entrevistado:

Ir à Malvinas foi uma honra e me deu a possibilidade de entrar em combate por nossa defesa, e com o inimigo histórico que é a Inglaterra. Muita gente na sociedade não vê que em 1806 – 1807, há 900 anos de história, é o mesmo inimigo que se combateu nas ilhas. Pela dignidade daqueles que caíam em terra, e sendo participante da mesma unidade, eu voltaria à Malvinas. Ou seja, não me cabe nenhuma dúvida de que voltaria (IGNACIO,2007).

Uma clara demonstração da visão decadentista argentina, a qual Malvinas mantém viva a chama, é a seguinte citação:

Y para esto, la causa Malvinas es perfecta: fuimos despojados y, aunque el derecho internacional nos dé la razón, reglas no escritas, a favor de los poderosos, nos impiden recuperar las islas, y podemos presentarnos convincentemente ante nosotros mismos cómo un David enfrentando a un Goliat... Y capaz algún día de vencerlo! De hecho son muchos los argentinos que creen que entre abril y mayo de 1982 estuvimos a un paso de la victoria diplomática, y que en junio de 1982 estuvimos a un tris de la victoria militar (PALERMO, 2007, p.19–20).

Quando eu estive prisioneiro nos campos de concentração com os britânicos, havia um soldado britânico que perguntou: quanto você cobra por esta guerra? Não cobramos, respondi. Não, não pode ser. Porque vocês estão lutando? Eu disse: pela Pátria e pela Bandeira. E pergunta: por que continuam lutando? Porque onde eu estava a guerra terminou em 14 de junho às nove da manhã. Estive lutando até três ou quatro da tarde. Seguimos lutando, não nos rendíamos, estávamos lutando à 80 horas, por isso que eu tenho muito respeito pela Infantaria Marinha. Pela forma como nós lutamos (VICTOR CATA, 2007).

Assim, tanto o governo militar quanto a sociedade em geral, cada um com suas razões, se uniram passando por cima daquilo que deveria ser o critério de toda decisão política: o valor do homem, da vida de um ser humano.

2.3 Os soldados

A Guerra pode ser vista de diferentes ângulos, de acordo com as condições sociais, idade, cidade de origem, tempo de serviço militar, postos e graduações dos participantes.

A perspectiva pela qual é analisado este combate, no presente trabalho, é a perspectiva dos soldados que lutaram na Guerra das Malvinas, daqueles que foram

diretamente ao campo de batalha e sofreram todas as conseqüências nas mãos dos britânicos, dos seus superiores e, posteriormente, nas mãos do Estado e Sociedade argentinos.

Esta guerra está repleta de particularidades.

Em primeiro lugar deve ser considerado o clima do arquipélago. Malvinas localiza-se nos mares glaciais da Antártica, no extremo sul do continente, onde o clima é gélido, com temperaturas muito abaixo de zero.

Com exceção do Batalhão Infantaria Marinha nº 5, que estava em treinamento na fronteira com o Chile, já acostumados ao clima frio, a maioria dos soldados vieram da região norte da Argentina, onde o calor predominava. Diante destas condições, além do inimigo propriamente dito, tiveram como grande adversário o clima das ilhas.

Além disso, na Argentina o serviço militar era obrigatório e o início das atividades militares se dava em fevereiro, o que fez com que a maioria dos recrutas tivesse idade média de 18 anos e pouco mais de um mês de vida militar.

Como terceiro fator relevante, temos o fato de o inimigo a ser enfrentado por estes combatentes argentinos ser a Inglaterra, uma grande potência alinhada aos Estados Unidos.

“Mientras los ingleses están altamente preparados y contituyen un cuerpo casi profesional, los soldados argentinos son conscriptos recientemente reclutados y la mayoria provienen de las zonas cálidas del norte del país” (ROZITCHNER, 2005, p.134).

Las condiciones metereologicas imperantes, caracterizadas por frecuentes lluvias, bajas temperaturas, heladas, vientos casi permanentes, un elevado porcentaje de humedad y nevadas en el período que se desarrollaron las principales operaciones, influyeron negativamente sobre el estado físico y psíquico del personal.

(...)

Los soldados en las Malvinas debieron enfrentar no sólo unas durísimas condiciones ambientales, sino que chocaron con las estructuras poco eficaces y preparadas del Estado que los envió a combatir (LORENZ, 2006, p.94).

Onde está Deus? Lhe falta água, lhe falta comida, lhe falta arma, lhe falta munição, e você tem que recuperar o comando. Existe algum Deus? Você tem algo acima de nós, algo superior? Eu não sei como se chama ele, Deus, Jesus, Jeová. A religião que deves seguir é a tua interior (VICTOR CATA, 2007).

“Diga-me quantas qualidades tem a palavra guerra? Fome, frio, medo, desolação, angústia... Nós não fomos passear. Sabes quantos companheiros morreram de nosso Batalhão Infantaria Marinha 5” (VICTOR CATA, 2007)?

Diante deste quadro lamentável, Galtieri decide começar uma guerra.

E quem eram os soldados que iriam lutar por Malvinas?

“Alrededor de diez mil jóvenes cuestionaron, con su mera existencia, el lugar de ‘defensores de la Pátria’ de las 3 armas. Ellos habian combatido por la soberania al mismo tiempo que eran ‘víctimas del Estado” (ROZITCHNER, 2005, p. 17).

Dos quatro militares entrevistados para realização deste trabalho, três eram combatentes da Infantaria Marinha Número 5 e havia uma particularidade em relação à este batalhão: eram a elite da Marinha e estavam em treinamento para um guerra com o Chile. O quarto entrevistado pertencia ao Exército, ou seja, era mais despreparado.

Havia um conflito entre Chile e Argentina há anos. Em janeiro, quando eu estava na Infantaria Marinha, nós vivíamos em operações de fronteira. Batalhão Infantaria Marinha Número 5 é o nome da unidade de combate do Batalhão de Infantaria Marinha, abaixo de Córdoba. Onde trabalhamos com temperaturas de 30 graus abaixo de zero. Nas Malvinas fazia 20 graus abaixo de zero. Por causa do conflito com o Chile, a Infantaria Marinha tinha uma preparação melhor que o Exército. Na Guerra das Malvinas a Infantaria Marinha lutou mais árduamente, mais ferozmente que o Exército. Antes da guerra já havia uma preparação para o conflito com o Chile.

Quando veio dois de abril nós nos surpreendemos porque, na fronteira com o Chile, vimos que o Chile estava preparado para uma guerra, mas começamos a baixar até que chegamos a um ponto que nos disseram que se iria tomar as Ilhas Malvinas. Fiquei surpreso.

Eu era soldado. Quarenta e cinco, quarenta e três anos, é a idade que temos agora. Nós tínhamos 18 anos. Surpreendeu-nos o tema Malvinas.

Quando chegou quatro de abril mandaram nosso batalhão, trocaram todo o armamento e toda a indumentária. Tivemos uma reunião com o comandante que nos disse que haviam selecionado dentre todo o Batalhão de Infantaria Marinha o BIM 5 (Batalhão de Infantaria Marinha Número 5). O BIM 5 havia sido selecionado porque era o melhor batalhão que tinham. Nós havíamos treinado durante um mês, combatendo sozinhos, nós éramos 900.

Um só batalhão foi à Malvinas. A Infantaria Marinha tem um, dois, três, quatro batalhões que não vão à guerra. Vai somente um para a guerra, um só. Foi a elite, ou seja, o melhor do melhor (VICTOR CATA, 2007).

Ao chegar aos 18 anos os jovens eram sorteados, desde 1973, para ingressar em uma das três Forças Armadas Argentinas, principalmente no Exército. Buscava-se dar coesão à nova república, reforçar o papel do Estado e transmitir uma série de valores nacionais e sociais aos jovens. Era construída uma escala de valores com

base nas virtudes militares, principalmente a partir das biografias dos guerreiros da Independência, e esta escala delineava o valor que a Nação deveria ter para estes recrutas. Estes ensinamentos cumpriam a função pedagógica de celebrar aqueles cidadãos que haviam cumprido seu dever e exortava outros a cumprir com o seu (LORENZ, 2006).

Além disso, desde a escola primária, os argentinos ouvem falar de Malvinas como se esta fizesse parte do território nacional, até os dias de hoje.

Um espaço central no sentimento de pertencimento, do nacionalismo e da reivindicação territorial, na época, foi a escola, o que fica claro nesta afirmação:

Quando estaba en 5º grado tenia una maestra que me hablaba mucho de las Malvinas. Empecé a tenerles una bronca terrible a los ingleses, por eso cuando fuí a las islas me dió una gran alegría. Pensé en la Pátria y no en los tiros, esa es la verdad.

(...)

“Las Malvinas son argentinas”, repetía la maestra allá en la escuelita de Salto, mi pueblo natal. En ese momento no comprendía el verdadero significado de esas palabras. Sin embargo, fueron forjando en mi un sentimiento difícil de explicar que, sin duda, compartimos la gran mayoría de los argentinos. La Escarapela, la bandera, el Himno y la imagen de Malvinas, en un marco de guardapolvos blancos, son símbolos que se arraigaron profundamente en él corazón de muchas generaciones (LORENZ, 2006, p. 33-34).

Quando eu cheguei aqui, foi como algo novo. Eu desde pequeno sempre havia escutado falar sobre Malvinas. Eu havia estado onze anos em um reformatório, porque minha mãe, quando morreu meu pai, não podia nos cuidar. Então minha mãe, porque não tínhamos o que comer, nos colocou em um instituto de menores. Durante onze anos dentro de minha escola me explicavam sobre Malvinas. Quanto me toca ir à Malvinas, como não ir (VICTOR CATÁ, 2007)?

Neste relato observa-se que para os jovens, ir à Malvinas era um dever para com a Pátria, e uma forma de lutar contra a opressão externa, não percebendo que o maior inimigo estava dentro do país:

Éramos muchos los que queríamos llegar a Buenos Aires e ir a pelear. Queríamos ir a Malvinas. Habia otros que decian que era una locura. Yo creo que todos sabíamos que era una locura, que se habia desafiado a una de las potencias más poderosas del mundo y que no estabamos en condiciones de enfrentarlos, pero habia algo que nos decías.... querias ir. E ir a pelear, viste, era rebelarte contra toda esa opresión que uno entendia que no era sólo del país, era cómo intentar devolverles un poco de lo que se estaba haciendo (LORENZ, 2006, p.44)

Quando recebi a notícia de que deveria ir à Malvinas, já estava para dar baixa, já havia cumprido meus 14 meses de serviço militar obrigatório, para com minha Pátria, já estava por ir. Quatro ou cinco dias antes, a unidade saiu a campo, nos deram roupa verde e subimos nos caminhões e fomos à fronteira do Chile. Quando estávamos esperando o vôo para voltar à Buenos Aires, pensávamos que havia problema com Chile neste momento. Neste mesmo campo em 2 de abril nos disseram que haviam sido recuperadas as Malvinas. A euforia foi muito grande, porque o que queríamos expressar era que nós, os recrutas, estávamos treinados para ir a um lugar assim. Dizem que fomos voluntários. Eu fui porque tinha que ir, ou seja, me haviam preparado, me haviam dito que isto era meu, e que havia sido recuperado e que deveríamos fazê-lo. Ou seja, o comandante da unidade em mais de uma oportunidade, e era um ser humano maravilhoso, nos disse que nos formou, que nos criou, e que quem não queria ir à Malvinas, que iria ser tratado bem, de qualquer maneira, que não embarcariam aqueles que não queriam ir à guerra. Eu fui porque era minha obrigação como soldado, ir defender algo que nos haviam roubado há tanto tempo (IGNACIO, 2007).

Querida ir à guerra? Não, não queria. Mas em um regime militar: não queria ir à guerra? Tem que fazê-lo desaparecer. Mas em algumas partes do país estas coisas não se passavam (VICTOR CATA, 2007).

Alguns como Ignacio (2007) não tinham consciência do regime militar, não percebiam a guerra suja, eram adolescentes que não se preocupavam com a vida política do país. Somente foram combater a guerra limpa por obrigação:

Não sabia dos desaparecidos, não era um tema de comunicação com é hoje, como era há 10 anos atrás, ou 20 anos atrás na família argentina. Particularmente, em minha casa não se comentava o que estava se passando no país, não havia uma participação na política pois a política não existia. Isto para nós aconteceu em 1982 e as forças armadas tomaram o poder em 1976. Estou falando de quando eu tinha 12 anos, ou seja, não sabia o que era. Hoje sim uma criança de 12 anos sabe o que é a política. Em minhas recordações lembro que havia chegado Perón e que apareceu um governo militar que era normal em nosso país. Lamentavelmente, governos militares tomam o poder pela força, contra governos democraticamente eleitos. Mais que isso não sabíamos do que estava acontecendo. Vivíamos longe de Buenos Aires, quem vivia em Buenos Aires tinha a sorte de estar mais informado do que quem vivia em Chaco. Lamentavelmente, Buenos Aires é a cabeça de tudo, nós não tínhamos idéia do que era a política, do que estava acontecendo em nosso país, as desapareções, as torturas, as barbaridades que aconteceram. Éramos muito crianças quando subiram e havia um silêncio hermético ao menos em minha família. Eu estudava, trabalhava, me pararam muitas vezes os operativos militares. Policiais no caminho quando eu ia estudar. Eu chegava em minha casa às onze e meia da noite e acordava as seis e meia para ir trabalhar. Paravam-me e perguntavam o que eu fazia, em que trabalhava. Se eu não tivesse a sorte de trabalhar e estudar não sei o que poderia ter acontecido. A consciência popular de minha família era um silêncio hermético (IGNACIO, 2007).

Estes soldados, em sua maioria, haviam ingressado no Exército há pouco tempo, não tendo preparação alguma para ir à uma guerra. A maioria não sabia sequer usar uma arma. Foram à Malvinas, totalmente despreparados e sem ter noção das atividades militares e das condições que iriam enfrentar.

(...)Você pensa que muitos morreram de fome? De frio? Agora, quantos morreram por má administração? Muitos. Eu estou em uma guerra e você me dá um cobertor para tapar-me. Eu vou morrer. Agora, se eu digo como você tem que se cobrir, você vai morrer (VICTOR CATÁ, 2007)?

O Exército não foi lutar na guerra. Por isso que tantos morreram. Eu tenho amigos que foram à Malvinas. Sabes quantos dias tinham no exército? Quinze dias. Agora pergunto: você em 15 dias sabe atar seus cadarços? Ele não conseguia. Você sabe sacar uma arma em 15 dias? Você sabe atirar em 15 dias? Então o que você pode fazer? Eu pergunto: quem está há 15 dias, vai à uma guerra? Os novos? O Exército não sabia lutar na guerra. Todo o Exército tinha 5 canhões. Você consegue fazer algo com 5 canhões? A Infantaria Marinha tinha 105 canhões, tinha granada, fuzis, então, foi lutar na guerra (VICTOR CATA, 2007).

Alguns como Ignácio, faziam parte do Batalhão Infantaria Marinha 5 e estavam há algum tempo na fronteira com o Chile, em treinamento de guerra. Três de nossos entrevistados eram soldados deste batalhão, e observa-se que, embora melhor preparados, também sofreram as conseqüências da guerra.

Em minha experiência particular: eu era soldado e estava em uma unidade determinada. Quanto mais alto o grau, maior é sua visão. Eu não tenho como falar de Malvinas sem falar sobre a unidade que me levou a combater. A unidade ficava na Terra do Fogo, a 3000 quilômetros de Buenos Aires. Onde estávamos era uma ilha com um clima muito similar à Malvinas. Antes de ir à Malvinas eu fiquei um ano nesta ilha. Durante este ano fizemos acampamentos na neve, treinamos tiro. Vivíamos no batalhão e uma vez por semana íamos ao terreno montar barracas e treinar o combate. Quando fomos à Malvinas fazia um ano que estávamos longe de nossas famílias, era uma experiência muito particular. Fui à Malvinas com 20 anos, e a maioria de meus companheiros foi com 18 anos, tinham muito pouca instrução, faziam dois ou três meses que haviam ingressado. Nós estávamos praticando há um ano. Então, não posso deixar de falar disso, porque o tema do frio, estávamos acostumados. Quando chegamos à Malvinas, o clima era melhor que o clima na Terra do Fogo. Fazia um pouco mais de calor (IGNACIO, 2007).

Em relação à idade:

Porque mais de um comandante se comportou como se fosse um pai. Éramos todos crianças, 18 anos, inclusive tínhamos um soldado que quando foi à Guerra das Malvinas tinha 16 anos¹. Porque ele vivia em democracia, vivia em Misiones. Ele falava português, não falava castelhano. Quando o comandante conheceu este rapaz, começou a proteger este soldado, porque era uma criança de 16 anos. Nós éramos tratados como seres humanos. E para ele como pai era uma grande responsabilidade levar estas crianças para a guerra (VICTOR CATA, 2007).

No início, a percepção era de que a idade e inexperiência dos soldados não teriam influencia negativa no conflito, pelo contrário, a juventude dos combatentes era um elemento que realçava seus compromissos, suas condições de promotores de mudança, e não era vista, como aconteceu após a derrota, como a causa de seu fracasso.

La clase 1963, también participante en el conflicto, estaba constituida por ciudadanos recientemente incorporados, en algunos casos con menos de dos meses de instrucción (la incorporación al servicio militar era en febrero). Pero esta situación (que sería uno de los argumentos centrales a la hora de analizar la derrota) no parece haber sido un elemento de alerta en los primeros días del conflicto (LORENZ, 2006, p.71).

O despreparo dos recrutas era tamanho, que Reinaldo (2007) conta que no primeiro dia de bombardeio, ele e seus companheiros atiraram no primeiro avião que riscou o céu, tal era a ânsia por usar as armas. O que, nas suas inexperiências não perceberam, é que o avião era argentino.

O primeiro bombardeio foi em primeiro de maio, ficamos de expectadores. E passou um avião – olha o que é a inexperiência – o avião passou por um corredor de água e o combatemos com força, mas era nosso, não vimos. Mísseis, fuzís, de tudo lhe atiramos. Este avião estava descarregando uma bomba porque tinha que aterrizar, tinha problemas. O primeiro avião que passou em nossa frente, que estávamos observando, lhe atiramos com tudo. A emoção que havia em poder atirar em alguma coisa... Era nosso avião e morreu o piloto.
Era uma guerra eletrônica, que bloqueava os contatos, não tínhamos radar. Não tínhamos instruções (REINALDO, 2007).

“Se errar é humano, humanizamos a guerra” (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Os meios de comunicação argentinos tentavam desqualificar o inimigo, dizendo que:

¹ Foi como voluntário e mentiu a idade, segundo conta Victor Catá em sua entrevista.

(...) tras varias semanas en alta mar no estaria en condiciones de combatir, o enfatizando la corrupción de sus costumbres porque en el cuartel de los marines se habian capturado revistas y vídeos pornográficos.

Argentina era una nación joven cuyos soldados, jóvenes como ella, enfrentaban a un poder anticuado y decadente (LORENZ, 2006, p. 72).

El tema era complicado, los ingleses tenían mejores armas, mayor tecnología, nos arriesgábamos mucho. Para tranquilizarnos calculábamos que en las islas había unos pocos soldados que no iban a resistir (LORENZ, 2006, p.64).

Assim como desqualificavam o inimigo, alguns batalhões foram enviados à Malvinas com soldados que não sabiam o que lhes esperava. Como um batalhão estará preparado psicologicamente para uma batalha se sequer sabe que estará nela?

Quando fui à Malvinas não tinha consciência de nada. Porque era muito aventureiro. Como recruta neste momento não tinha consciência do que era ir à uma guerra. Para nós, não íamos à guerra, íamos ocupar o quartel nas Malvinas. Nos tiraram do batalhão de origem e nos transportaram ao novo batalhão. Íamos ocupar este lugar, não íamos a uma guerra. Mas quando no dia 7 de abril chegamos ao aeroporto, nos levaram até o quartel e estava vazio. Depois nos deixaram na metade do caminho, em um estábulo. No outro dia quando se reuniu o batalhão neste lugar, aí sim começamos a entender que algo estava acontecendo. Porue quando fomos à Malvinas nos disseram que íamos ocupar um quartel. E no outro nos mandam às colinas. Aí comecei a entender (REINALDO, 2007).

2.4 Guerra contra quem?

Os soldados argentinos foram para o campo de batalha acreditando na propaganda oficial do governo e em Galtieri, que falava da falta de convicção e decadência dos britânicos e exaltava a legitimidade da reivindicação argentina e a capacidade do Exército de ganhar a guerra. Devia-se ir à guerra:

Porque el enemigo no tiene en claro por qué pelea.

Porque nosotros sabemos por qué luchamos.

Porque no estamos caminando en contra de la historia.

Porque somos 28 millones de soldados.

Porque nunca perdimos una guerra.

Porque estamos peleando en nuestro país, por nuestro país (LORENZ, 2006, p.74).

Os jovens soldados vão guerrear com o peso de serem os responsáveis pela “nova Argentina”, de possuírem ideais puros e serem valentes o suficiente para dar ao povo a tão sonhada vitória sobre a Grã-Bretanha.

A pressão vem de todos os lados, e dos mais controversos lados: das mães da Praça de Maio que, agitando uma bandeira Argentina, defendem a soberania sobre as Malvinas ao mesmo tempo que seguem reclamando por seus filhos desaparecidos; do trabalhador da Mercedes Benz que denuncia a agressão inglesa e a política econômica do governo militar; da multidão que com suas canções ataca o imperialismo norteamericano sem deixar de pedir o fim da ditadura de Galtieri (ROZITCHNER, 2005).

Os soldados enfrentavam então, além da responsabilidade de lutar por uma nação inteira, dois inimigos ferozes: a Grã-Bretanha e seus próprios superiores.

O tratamento que os soldados recebiam por parte dos seus superiores era desumano. Os oficiais, acostumados às torturas e violações dos direitos humanos em suas práticas durante a ditadura, continuavam o terror tendo como vítimas seus próprios subordinados, os recrutas argentinos. As práticas militares de disciplina e formação muitas vezes adquiriram a forma de humilhações e crueldades, expressas na forma de castigos físicos e exhibições ridículas (LORENZ, 2006).

Edgardo Eesteban (2006 apud Lorenz, 2006, p. 29), um jornalista que em 1982 combateu na Guerra das Malvinas, recorda sua experiência de serviço militar obrigatório:

(...) Vi que en vez de servir a la Pátria terminabas siendo sirviente de los oficiales o suboficiales de turno. Racionalmente no se puede comprender el maltrato que ejercian sobre los soldados, llevarte a los cardales y hasta agarrar los cardos con las manos, andar como una cabra clavandote piedras em los testículos... Te preguntabas, que hice yo para merecer esto? Yo tenia decinueve años; que habíamos hecho para ser castigados con esa brutalidad? (...) Ellos tenían una soberbia de poder absoluta y total. Oficiales jóvenes trataban a un cabo como basura. Yo me preguntaba por qué. Trataba de entender esas torturas físicas y psicológicas que realizaban. Con temperaturas bajo cero llevarnos a los baños a limpiar obsesivamente los azulejos. Flexiones de brazos en terreno escarpado. Parecia que querian demostrarnos que éramos dociles animalitos al servicio de sus caprichos. (...) Los soldados éramos sirvientes de estos tipos, que se habian metido en la carrera militar por falta de un proyecto personal de futuro (LORENZ, 2006, p.29).

Além destas e de outras situações humilhantes, os soldados encontraram nas Malvinas castigos terríveis para casos de indisciplina. Embora geograficamente longe da Argentina e da ditadura de Galtieri, o terror se prolongava até as ilhas.

A prática mais utilizada era o estaqueamento. Este constituía-se em deitar o soldado no chão gélido, com pouca roupa, amarrar seus braços e pernas e deixá-lo no solo em posição semelhante à de Jesus quando crucificado.

Nós conhecemos os estaqueamentos, quando te estaqueiam, quando um soldado é indisciplinado, lhe põem as mãos assim como Jesus, e os pés, lhe cravam estacas, como Jesus, no chão, com 28 graus abaixo de zero. Não pode durar muito. Faziam isto por alguém ter cometido uma infração, os oficiais e suboficiais² argentinos faziam isto. Há muita gente que não falo sobre isto, mas eu vi isto acontecer no Porto Argentino. Não aconteceu isto comigo porque meu chefe era muito bom, muito jovem.

Quem foi mau, tem que ser julgado. Mas aqui não foi julgado ninguém. Quem estacou não foi julgado.

A maioria dos oficiais que estiveram na repressão foram à Malvinas, os responsáveis pelas torturas. Participaram do pior da ditadura, que foi 1981, por isso estaqueavam os soldados. Como vais estaquear uma pessoas que vai te defender, combater?

Fizeram também o fusilamento. Chamam o fusilamento de “remate³”. Atiravam uma granada que alcançava mais ou menos 40 metros. Quando tínhamos que avançar e haviam soldados mortos ou que estavam feridos, neste caminho, a ordem não era socorrê-los, era atirar, matar. Podia ter uma granada ou alguma arma.

Normalmente se vai salvar o soldado, vai curá-lo, mas no meio do combate não. Muitos diziam que haviam visto fusilados. Mas eu não vi, não tenho como provar o fusilamento (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

También por esos días, despues de un “baile” propinado por el suboficial responsable de Automotores, alrededor de diez soldados terminaron mojados al revolcarse en unos charcos producidos por la lluvia. La solución que encontró el suboficial consistió en ordenar que se suban a los tres o cuatro plátanos que se hallaban frente a la compañía hasta secarse (...) En alguna oportunidad llegué a presenciar unos soldados que, como castigo, eran estaqueados más o menos como en la época de Martín Fierro (LORENZ, 2006, p.30).

(...) los estaqueamientos ocurridos en las islas y de los cuales no hemos visto una sola palabra en este informe, a pesar de que estos casos reflejan no solamente una actitud inhumana de parte de quién ordena estaquear a un hombre a 20 grados bajo cero, sino que también revelan un alto grado de ineptitud militar (LORENZ, 2006, p.146)

² Suboficiais seriam os sargentos no Exército Brasileiro.

³ Rematar significa finalizar.

(...) en una situación de guerra siguieran manteniéndose los mismos criterios que durante la instrucción, el servicio militar obligatorio, y el castigo por faltas que, si en tiempos de paz resultaban comprensibles, perdían completamente su sentido en situación de guerra. (...) Habían los estaqueamientos y suboficiales que “en pleno combate te venían y te querían pasar revista de si tenías un calzoncillo más, un calzoncillo menos” (LORENZ, 2006, p.102).

“Si te agarraban un poquito barbudo (...) calabozo de campana. (...) Si en dos meses y medio no conoces un lugar para banarte, como te van a obligar a que te afeites? Parecía que no era una guerra” (LORENZ, 2006, p.103).

Embora a maior parte dos relatos sejam desfavoráveis em relação aos oficiais, um dos entrevistados referiu ter um bom relacionamento com estes. Porém, ele deixa claro que o relacionamento era cordial na Infantaria Marinha, no Exército o tratamento era de outra forma.

Na Infantaria Marinha você tem um relacionamento cordial com seus chefes, no Exército era difícil. Na Marinha os oficiais estavam sempre juntos. Estive onze meses com o oficial no terreno, ele se torna a sua família. Se eu tenho fome, ele também; se eu tenho frio, ele também (VICTOR CATA, 2007).

Já Ignácio, também integrante da Marinha fala de uma relação fria entre os oficiais e os soldados.

Cada companhia tinha um oficial, cada companhia era dividida em setores. A nossa era muito pequena, com cinco pessoas, e estava comandada por um oficial. Na teoria era o que mais tinha conhecimento, mais estudo militarmente falando, era o chefe. Os soldados tinham um vínculo com os cabos, com suboficiais mas com os oficiais não tinham este vínculo. Cumpria-se as ordens que mandavam, executava-se o que pediam. Era uma relação fria, muito fria (IGNACIO, 2007).

2.5 A guerra nas entrelinhas

Estar em Malvinas, era uma experiência única para soldados inexperientes e que não sabiam a força do inimigo.

Até maio ainda havia comida, equipamentos, rádio, enfim, as condições de vida ainda eram favoráveis. Porém, em maio os soldados perceberam o que estavam enfrentando. Iniciaram-se os bombardeios, a escassez de comida, a falta

de munições, enfim, a partir de maio estes jovens começaram a sentir na pele o que é uma guerra.

Durante todo mês de abril haviam pilhas, escutávamos rádio, a comida era abundante, dormíamos em barracas, tínhamos orgulho, penso que a maioria, de estar ali naquele lugar. (...) Em primeiro de maio mudou a história, começou o bombardeio. Nós tínhamos treinamento para atirar nos outros com morteiros, com fuzis e com canhões, não tínhamos treinamento para nos defender.

Então neste momento complicou-se o tema. Imagina que de dois de abril até maio havíamos feito posições de defesa. Quando começou a verdade do que foi a guerra deixamos de ter barracas porque vinham instruções de que deveríamos esconder as barracas.

O primeiro dia de bombardeio, acredito que nenhum veterano pode esquecer. Estávamos de guarda, não estávamos dormindo, tal era o medo, tal era o frio, era noite e não esqueço como pegava o fuzil nas mãos: tremendo de medo e frio. Depois seguiu-se o bombardeio. Vinha um tanque inglês a cada duas ou três horas, bombardeando, comprometendo assim o sono, a tranqüilidade e trazendo a morte. Começas a sentir em tua pele o que é uma guerra, a guerra é algo que não tenho como traduzir em palavras. É como a morte, não tem como traduzir. A guerra é algo onde aparecem todas as misérias humanas da pessoa e onde uns fazem coisas que nunca poderão se arrepender de haver feito. Porque o homem se converte em um ser irracional e isso é paulatino. É o mesmo no combate, ou seja, vais te acostumando. É progressivo. Viver com o perigo, trocar a vida... vais perdendo o medo, não por coragem... lutar um dia, lutar três, dá no mesmo. Penso que a palavra aclimatizar-se é o que é uma guerra (IGNACIO, 2007).

Vais te acostumando, de um estado passas para o outro lado. Como que automaticamente vais perdendo o medo, não porque tomas comprimidos. Não! Quando vês já perdestes o medo, já está. Do terceiro dia em diante não sentes o medo, o frio, a fome, não sentes o cansaço, nada te incomoda, já é como estar em paz com Deus. A bomba estava caindo aqui e u estava lustrando a bota, já não havia medo. Porque estou longe de minha família, de meus amigos, porque já não tenho nada, somente minha vida, nada mais. A vida em um guerra não é nada (VICTOR CATA, 2007).

Muitos soldados argentinos foram capturados e levados pelos ingleses a locais que eram chamados de “campo de concentração”. Sobre o tratamento dos ingleses para com os combatentes argentinos, há diferentes interpretações, porém, a maioria dos entrevistados relata uma relação cortês com o inimigo.

Nós dizemos campo de concentração mas era um lugar onde nos colocavam para trabalhar. Era um lugar onde os feridos que haviam estado em lugares de conflito eram levados. (...) Os ingleses torturaram um soldado nosso. Ele estava no hospital comigo. Os ingleses lhe fizeram tomar querosene, ele tinha o estômago queimado (GUSTAVO, 2007).

O tema prisioneiros de Estado, é como a guerra e o amor, não se pode explicar. Haver estado em combate com o inimigo e teu inimigo te obrigar a fazer coisas a força... Em nosso caso, os ingleses foram profissionais em tudo, e nos trataram como prisioneiros profissionalmente, não que tenham tido simpatia ou carinho, não. O que quero dizer é que nos trataram com respeito. Não fomos à um campo de concentração, em todo momento nos trataram como vencedores, com profissionalismo. O tema “prisioneiros” é um estado que muitos companheiros compartilhamos, um grupo de 800 companheiros estiveram em combate com o Batalhão Infantaria Marinha 5. Duzentos tiveram que trabalhar para os ingleses, e depois pudemos voltar a Buenos Aires (IGNACIO, 2007).

Quando terminou a guerra, na primeira noite que tivemos no Porto Argentino, em um galpão, o General Moore passou diante de todos os que estavam no galpão e nós estávamos armados, todos armados. No outro dia nos desarmaram e nos levaram ao aeroporto. Todos estavam armados com munição durante a visita do General.

O que aconteceu neste aeroporto? No primeiro dia encontramos o galpão cheio de comida, chocolate, tudo o que não comíamos à muito tempo. E roupas. Depois nos levaram ao Porto, educadamente nos colocaram a caminhar. Nunca houveram maltratos (REINALDO ROLAN, 2007).

A verdadeira crueldade, o verdadeiro inimigo era, claramente, os militares do próprio país, nem mesmo o inimigo inglês foi tão cruel com os soldados argentinos como foram seus compatriotas.

Porém, como em quase todas as situações da vida, a guerra também tem seu lado bonito, que ficou gravado na memória destes combatentes.

A convivência foi muito rica. A guerra ajudou a superar diferentes circunstâncias feias, e outras circunstâncias lindas também, não era tudo tão feio. O bom foi repartir com teu companheiro que recebeu uma carta, ele te emprestar sua família para te reconfortar espiritualmente. Compartilhar um pedaço de pão que conseguiu com alguém, porque depois a comida começou a escassear, mas começou a escassear porque estávamos submergidos em uma guerra, mas meu companheiro que tinha comida compartilhava. E isso é algo muito valioso. Existem coisas muito gratificantes. A guerra na óé somente algo feio, há coisas muito valorosas (IGNACIO, 2007).

CAPÍTULO 3

O PÓS-GUERRA

O resultado desta guerra já era esperado desde seu prólogo. As três forças militares argentinas já, por definição, eram forças vencidas, porque o país estava vencido pelo próprio poder militar que os havia derrotado previamente. Nunca houve possibilidade de vencer esta guerra, sempre foi uma guerra simulada, forjada, para encobrir a sujeira que imperava no país.

A primeira derrota imposta pela Junta Militar – a guerra suja – preparou antecipadamente o fracasso nas Malvinas. O país teve destruídas suas riquezas, sua indústria; empobrecida a sua população, perseguidos seus trabalhadores, assassinados seus líderes, destruídas as instituições, censuradas as informações e a cultura, perseguidos seus jovens, destruída a economia agrária, encarcerada a educação da escola primária até a universidade. Enfim, não havia um povo e um país fortes que sustentassem a “guerra limpa” que os militares apoiavam (ROZITCHNER, 2005).

No habia ninguna posibilidad de vencer en esta guerra ni “recuperar” ninguna isla contra nuestros enemigos externos, hasta tanto no hubieramos recuperado previamente nuestro propio territorio nacional de nuestro

enemigo principal: las fuerzas armadas de ocupación (ROZITCHNER, 2005, p.125)

Diante destas condições, de um inimigo forte, das condições climáticas das Malvinas, da falta de preparo e falta de armamentos, além da juventude dos soldados, os militares que encontravam-se nas Malvinas retrocederam vencidos ao interior do país. E ali os esperava o temido poder popular, sem armas mas certos de que “los militares eran tigres adentro, pero afuera fueron un tigre de papel. Tigres, si, contra el pueblo indefenso. Esta evidencia definitiva quedo inscripta para siempre en la historia nacional” (ROZITCHNER, 2005, p.132).

A guerra terminou e como saldo apresentou 649 argentinos mortos e cerca de 10.000 prisioneiros que regressavam ao continente.

As reações à este regresso foram as mais variadas. Algumas cidades interioranas saudaram de forma efusiva os soldados e os receberam de forma positiva.

En Madryn (...) la población rompió los cordones de seguridad para acercarse a los soldados: “los alrededores de la barraca Lahusen concentraron la mayor cantidad de gente que ante la llegada de los primeros vehículos y con un entusiasmo desbordante de júbilo y emoción, vivaban, aplaudían y alentaban a sus héroes (LORENZ, 2006, p.84-85).

Nas regiões mais afetadas pela guerra, ou nas cidades cujos jovens haviam combatido, além da recepção positiva foram tomadas algumas medidas para suprir as necessidades dos combatentes como o pagamento de pensão para aqueles que fossem naturais dos municípios; e foram criados monumentos para homenagear os sobreviventes e caídos na Guerra das Malvinas.

Mas estas ações a nível local, municipal, não foram reconhecidas a nível nacional. Em Buenos Aires e na maior parte do país, a acolhida não se deu da mesma forma.

No caso da minha família, eles sabem que sou veterano, mas na minha casa não tenho nada que lembre a guerra, somente em meu escritório. Absolutamente nada que me identifique como veterano. No meu escritório eu tenho, porque a sociedade me reconheceu localmente, a nível nacional não (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

O governo militar tratou, então, de impedir que os soldados que regressaram falassem sobre o episódio Malvinas, tentando fazer com que o tema e o fracasso da guerra fossem esquecidos.

Poder-se-ia falar do modo como a censura funciona do lado da opressão. Mas isto não tem nenhum mistério: proibem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos (Orlandi, 2002, p.78).

A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala (Orlandi, 2002, p.79).

Del mismo modo en que habia procedido en la represión de su propio pueblo – en la clandestinidad, semioculto, negando la información – el gobierno militar comenzaba a disponer de los despojos de la guerra de Malvinas: de los muertos y de los vivos (LORENZ, 2006, p.87).

Los mismos argentinos que habian vivido la guerra de un modo festivo, lejos del peligro, ahora impedian que la verdad llegara a todos(...) En Buenos Aires, entretanto, alguien limpiaba ya de vestigios para colocarle las viejas anteojas al país. Pero ellos todavia no lo sabian (Lorenz, 2006, p. 86).

Os soldados voltaram e o povo terminou sem as ilhas, com centenas de mortos somados aos muitos jovens que morreram antes e com os militares no poder, além de uma imensa frustração nacional.

A Junta Militar, percebendo então o problema, trata de tentar esconder ao máximo tudo o que diz respeito à guerra, na tentativa de vendiar os olhos da população.

O governo se dispõem então a limitar ao máximo o contato entre os soldados e a imprensa, assim como com os civis em geral. Para isso diziam aos soldados que a população estava revoltada e que iria apedrejá-los devido à derrota.

“Já é bem conhecido o fato de que o poder se exerce acompanhado de um certo silêncio” (DE CERTEAU, 1980 apud ORLANDI, 2002, p. 104). “É o silêncio da opressão” (ORLANDI, 2002, p.104).

O silêncio não é ausência de palavras. Impôr o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio(s) (ORLANDI, 2002, p.105).

“A censura intervem na relação do indivíduo com sua identidade social e com o Estado” (ORLANDI, 2002, p.110).

“E o que a censura procura impedir, não é que o sujeito tenha acesso às informações, o que ela procura impedir é justamente que haja elaboração histórica dos sentidos” (ORLANDI, 2002, p.132).

Nos dijeron que no íbamos a tener contacto con los habitantes de Madryn porque nos iban a apedrear (...) En el buque nos informaron nuestros jefes que el pueblo estaba enojado por la rendicion en las Malvinas; que habian sacado a Galtieri y que temian que la poblacion de esta ciudad nos fuera a apedrear, por eso no íbamos a tener contacto con la gente (LORENZ, 2006, p. 85).

“A la vuelta, en Mercedes, fue difícil. En la ciudad habia cierto malestar. Es un pueblo chico y muchos de los soldados muertos eran de alli. Volvíamos derrotados, los soldados la habian pasado muy mal, y hablaban mal de nosotros” (LORENZ, 2006, p. 131).

(...)Terminados los combates, miles de prisioneros fueron repatriados y las autoridades militares ocultaron a los retornados, aislandolos de sus conciudadanos, en algunos casos para mejorar su estado físico, pero sobre todo para evitar la difusion de sus relatos. Inclusive le prohibieron las entrevistas periodisticas (LORENZ, 2006, p.141).

A Junta Militar, portanto, queria o silêncio para que a guerra suja fosse esquecida e, assim, também os responsáveis pela empreitada e pela derrota. Porém: “O silêncio não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa” (ORLANDI, 2002, p.70).

“O silêncio é ‘iminência’” (ORLANDI, 2002, p.71).

E como iminência, logo o silêncio foi rompido e os sentidos que estavam contidos, afloraram.

Quando os prisioneiros argentinos chegaram ao Porto de Madryn, a circulação de informações foi inevitável. Circulavam comentários sobre as condições terríveis em que os soldados haviam vivido e combatido durante a defesa do arquipélago, os esforços do governo militar por manter controlada a situação e restringidas as informações.

Porém, ao contrário do que era esperado, a vontade de silenciamento foi acompanhada também pela população civil.

Assim, não é porque o sujeito não tem informações ou porque ele não sabe das coisas que ele não diz. O silêncio da censura não significa ausência de informação mas interdição. Nesse caso não há coincidência entre não-dizer e não saber.

Isto nos leva a afirmar que a censura funciona não em nível de informação mas de circulação e de elaboração histórica dos sentidos assim como sobre o processo de identificação do sujeito em sua relação com os sentidos. Ela impede o trabalho histórico dos sentidos (ORLANDI, 2002, p. 110).

(...) A censura trabalha sobre o conjunto do dizível, do outro, em uma retórica de resistência, há uma política do silêncio que se instala (consensualmente) e que significa justamente o que, do dizível, não se pode dizer. Censura e resistência trabalham a mesma região de sentidos (ORLANDI, 2002, p. 114-115).

“(...) El pueblo argentino, al aceptarla y embarcarse, se hace partícipe de ella, queda ligado por um lazo de siniestro amor a lo anterior” (ROZITCHNER, 2005, p.71).

“(...) De esse acto insensato (acto no solo tomado ‘imprevista y inconsultamente’), se han hecho complices, subjetiva y objetivamente, los que adhirieron a él” (ROZITCHNER, 2005, p.94).

O povo quer, então, esquecer Malvinas. Como cúmplices não suportam conviver com a evidência do fracasso e com a pergunta: O que fizemos? Como pudemos apoiar esta guerra? O tema é doloroso porque está atravessado por uma ferida profunda, e aberta. A questão Malvinas daqueles dias até os dias atuais é um enorme problema dos argentinos para com eles mesmos. É uma crise de consciência coletiva, que naquele momento e hoje também, se quer esquecer.

“O silêncio (...) é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído” (ORLANDI, 2002, p. 106).

“(...) Proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. (...) Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento (ORLANDI, 2002, p. 107).

Houve um desapego pessoal e coletivo em relação à ocupação das Ilhas Malvinas e à Guerra. O discurso social era:

(...) No tuvimos nada que ver con esta aventura insensata, a nosotros también nos enganaron estos miserables (y por lo tanto no somos los responsables de nada) (...) fuimos engañados en nuestra buena fé y fue una aventura irresponsable (PALERMO, 2007, p. 292).

Os excombatentes sentiram a crueldade e a dureza da realidade do pós-guerra, a partir do mês de julho de 1982.

“(...) Se encontraron en el centro de un inmisericorde circulo de dedos acusadores (...) Las fuerzas armadas, sus combatientes en particular, fueron estigmatizados con la senal y todo el peso de la responsabilidad de esa derrota (LORENZ, 2006, p.133).

“Siempre digo que los soldados profesionales nos preparan para la batalla, para el antes y para el durante. Pero no para el despues” (LORENZ, 2006, p. 284).

Los excombatientes tenian, sin duda, la satisfacción de haber sobrevivido. Pero también traian una gran cantidad de dudas y cuestionamientos, que iban desde los motivos por los que habian combatido hasta el lugar que, imaginaban, tendrian en la sociedad (LORENZ, 2006, p.127).

Aos ex-combatentes foi reservado o título de fracassados, de responsáveis pela perda das ilhas, que não souberam dar valor à honra que lhes foi concedida de lutar por seu país. A sociedade tentava eximir-se de sua parcela de culpa e encontrar outros culpados pelo fracasso da empreitada.

Ustedes, los que tuvieron el honor de estar en las islas, son los que perdieron la guerra. No pueden pensar siquiera en la continuación de una carrera militar; serán, sin remedio, las cabezas de turco, los chivos expiatorios arrojados a los leones para reconstruir la imagen de la fuerza luego de esa derrota (LORENZ, 2006,p.134).

Quando a guerra chegou ao fim, uma nova batalha começou para os sobreviventes, para suas famílias e para a sociedade argentina. O presidente Galtieri renunciou e foi substituído por Reinaldo Bignone. Iniciou a crise do Governo Militar pois a Força aérea e a Armada abandonaram a Junta Militar e deixaram ao Exército a responsabilidade de conduzir o processo (LORENZ, 2006).

Foram declarados mortos, oficialmente, os desaparecidos na guerra. A maioria dos argentinos enterrados em Malvinas foram sepultados sem identificação, sob cruzeiros que simplesmente indicavam Known Unto God⁴.

⁴ Deus sabe.

O tratamento por parte do Estado, destinado aos mortos das Malvinas, foi o mesmo que havia sido destinado há seis anos às vítimas da repressão militar, ou seja, pouca importância foi dada e o interesse maior era ocultá-los.

“Depois da derrota argentina perante os ingleses e em meio a divisões dentro das Forças Armadas, as mídias passaram a gozar de maior liberdade de expressão; a princípio timidamente, depois incorporando-se aos reclamos de um governo civil e eleições” (CAPARELI, 1989, p.100).

Diante deste quadro, da derrota nas Malvinas e da atuação dos militares, a sociedade despertou para o questionamento ao regime militar e acelerou as exigências de convocação de eleições e da abertura democrática.

A ditadura militar começou a ser repudiada socialmente pela violência exercida sobre seus próprios cidadãos (LORENZ, 2006).

La dualidad de Malvinas fue resuelta subreptivamente al ocultar la falta de idoneidad profesional y el maltrato a los conscriptos que las denuncias iniciales y investigaciones oficiales posteriores demostraron. Al señalar a los ex combatientes como víctimas a manos de sus superiores, tales cuestionamientos se sumaron a aquellos relacionados a las violaciones a los derechos humanos. De este modo se lograba un espacio para cuestionar al régimen militar, a la vez que se reforzaba la imagen de sus funcionarios como verdugos de sus conciudadanos, aun en una situación de “guerra justa” como la de las islas (LORENZ, 2006, p.145).

Aos soldados sobreviventes restou o descaso e a marginalização, antes da abertura democrática e após esta.

Ainda durante o governo militar, começou um árduo trabalho de desmalvinização, ou seja, o governo utilizou vários meios para fazer com que o povo esquecesse a Guerra das Malvinas e, com isto, esquecesse o papel sujo da Junta Militar no processo, porém, tratou de valorizar atuação militar de tentativa de recuperação do território argentino. Aos excombatentes restou o estigma de loucos e a dificuldade de inserção social.

O primeiro governo democrático eleito tratou, também, de enfatizar a desmalvinização, com o propósito de apagar da memória da sociedade a existência do período de governo militar (que Malvinas sempre faria recordar), porém, continuou valorizando a causa Malvinas, a concepção de que o território longínquo é argentino.

“Después de la guerra, y con la democracia, los argentinos nos olvidamos de las Malvinas. Los partidos y los políticos se entregaron a una perversa, deliberada y genuflexa desmalvinización” (PALERMO, 2007, p.301).

(...) Quienes no quieren que los militares vuelvan al poder tienen que dedicarse a desmalvinizar la vida Argentina. Esto es muy importante: desmalvinizar porque para los militares las Malvinas será siempre la oportunidad de recordar su existencia, su función y un día, de rehabilitarse. Intentarán hacer olvidar la guerra sucia contra la subversión y harán saber que ellos tuvieron una función evidente y manifiesta que es la defensa de la soberanía nacional (OSWALDO SORIANO, 1983 apud PALERMO, 2007, p.302).

A primeira manobra do então presidente Raul Alfonsín foi anular por decreto o feriado de dois de abril, que o governo militar havia estabelecido (uma anuência ao início da guerra), e transferi-lo para 10 de junho, data em que em 1829 havia assumido Luis Vernet como comandante militar das Ilhas Malvinas (lembrando o pertencimento das ilhas à Argentina).

“(…) La vana tentativa de abstraer al 2 de abril de su contexto histórico sirve al propósito de sacralizar nuevamente a las Fuerzas Armadas, trocando en glorioso el más irresponsable de sus actos y abriendoles el camino para un regreso al poder” (LORENZ, 2006, p.190).

Portanto, com a desmalvinização, o governo democrático conseguiu deixar intacta a legítima reivindicação do arquipélago pela Argentina, separando a “causa” da guerra suja que a maculou.

Trás la guerra de 1982, se separó tajantemente la causa Malvinas de la propia guerra. Se asumió que la causa nada había tenido que ver con ella, y se atribuyó limpiamente la guerra, así como la decisión previa de ocupar las islas, a la dictadura, como si aquellos dictadores militares no hubieran estado tan auténticamente imbuidos del espíritu de la causa Malvinas como la inmensa mayoría de los argentinos. De ese modo se preservó la causa de las facetas más canalléscas de la guerra. La causa quedó así en pie hasta hoy (PALERMO, 2007, p.282).

Houveram vários processos após voltarmos de Malvinas. A época em que voltamos foi antes do primeiro governo democrático, que foi quem desmalvinizou. Na desmalvinização, da Guerra das Malvinas não se pode falar, estava proibido. Para Alfonsín os ingleses foram muito bons porque salvaram vidas, ajudaram os que estavam feridos. No governo de Menén muda a política, acabam os maltratos e as torturas. E só agora está se dizendo a verdade do que aconteceu (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

“Otra faceta de la desmalvinización: Encontramos a los medios de prensa en su mayoría serviles del poder, predicando su campana antimilitar. Antes, chupaban las botas, ahora las escupen” (LORENZ, 2006, p. 216).

“(…) Tuvimos que soportar siete años de desmalvinización alfonsinista y de marginación para los ex combatientes” (LORENZ, 2006, p.211).

Diante destas ações, os excombatentes organizaram diversas manifestações públicas contra o que consideravam a política desmalvinizadora tanto do governo militar em retirada como do primeiro governo democrático. Para os excombatentes, desmalvinizar significava o esquecimento e abandono do reconhecimento de suas atuações na Guerra das Malvinas (LORENZ, 2006).

Una incomprensible “desmalvinización” – hoy superada – que no tuvo otra finalidad que ocultar su propia ineptitud, para lo cual necesitaban ignorar la gesta de quienes cumplieron con su deber de soldados en forma anónima y abnegada. Esa – al margen de la derrota – fue la hazana del Ejército (LORENZ, 2006, p. 254).

“Recordar es mantenerse en la pulseada contra quienes insisten en desmalvinizar al pueblo, confundiendo da causa de Malvinas, tildando de aventura la batalla” (LORENZ, 2006, p.216).

Além de destinados ao esquecimento, devido à desmalvinização, aos soldados que lutaram nas Malvinas, coube outro papel: o de serem considerados “os loucos da guerra.” Foram considerados destituídos de força e integridade psicológica, merecedores de compaixão e de ajuda de seus compatriotas.

Buscavam, desta forma, apagar a presença dos veteranos na sociedade, tirando-lhes o crédito e a confiabilidade, por terem-se tornado destituídos de racionalidade.

“(…) É uma forma de proteger sua identidade no senso comum, pois o estereótipo cria condições para que o sujeito não apareça, diluindo-se na universalidade indistinta” (ORLANDI, 2002, p.129).

Voltamos à noite das Malvinas, saímos de madrugada para que as pessoas não nos vissem e voltamos à noite. As pessoas não sabiam a história das Malvinas, e como se perdeu, as pessoas nos consideraram, a maioria, como perdedores. Nos chamavam as crianças da guerra. Depois nos chamavam de loucos (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Esta imagem, obviamente, causou uma extrema dificuldade de reinserção social aos que retornaram da guerra, que foi evidenciada através da discriminação social e desemprego enfrentados pelos excombatentes. Haver combatido nas ilhas, na maioria dos casos, era um problema, um obstáculo real na hora de conseguir um emprego.

“Quando voltei trabalhei em 3 lugares, um inclusive me capacitou, mas não foi assim com todos, com a maioria não foi assim. Há muita negação, problemas psicológicos, pessoas que não conseguiram” (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

A realidade contrastava com a expectativa dos soldados em relação ao seu retorno à Argentina:

“(…) yo cuando me fui, incluso cuando el 18 de marzo de 1981 entre por primera vez en el Regimiento , era un nené de mamá, um pibe malcriado y despreocupado. Asi y todo traté de cumplir mi tarea lo mejor posible y en ese proceso crecí, maduré y pude salir orgulloso de mi comportamiento. Ahora espero que me den la oportunidad de participar en el destino de mi país, que me escuchen y me respeten, que traten de entenderme y de darme la posibilidad de hacer algo. Quiero estudiar, trabajar, ganar algo de dinero para ayudar a mi familia y quiero que mi país me dé la oportunidad de hacerlo. Sin restricciones, sin censuras ni impedimentos (LORENZ, 2006, p.152).

Infelizmente, a receptividade do seu país não se deu desta forma.

Esta crônica escrita por uma aluna do colégio Nacional de Buenos Aires em 1986, demonstra a imagem que as pessoas tinham dos soldados que retornaram das Malvinas:

“En la tercera hora del viernes (...) abrio la puerta con los ojos fijos en el profesor. No se los saco de encima ni aun a causa del portazo que pego (...) Morocho, con la piel curtida y ojos negros. Se notaba que era provinciano, y tenia una expresion lejana, obtusa, rayana en la demencia. Se produjo un vacio de estupor, o de miedo disimulado, de parte nuestra y del profe (...) hablo un rato en voz baja con el profesor, de cosas que no entendi pero (de eso estoy segura) no eran producidas por una mente del todo sana. Al final, mostó dificultosamente una libreta y trató de explicar: necesitaba colaboración, plata; tenia que volver a su casa, recién salia del hospital (...) Rotulo: ex combatiente (...).

Tardamos en reaccionar. Demasiado. Se escucho un “que verso!”, un “pobre, che” ... un “no tiene ganas de laburar y pide” y hasta alguien seguio hablando de las tablas de lógica, borrándose impunemente (...) luego, en el recreo de cinco, algunos comentaban el miedo que habian tenido cuando ese semi-lunatico (semi?) entró en la 3º 8º. Sacaria una arma y nos facturaria a balazos? (...) Para nada. Ese loquito obligado solamente queria volver a Formosa, de donde hace cuatro años lo sacaron, lo congelaron, lo obligaron a bajar su bandera y lo enfermaron (LORENZ, 2006, p.137-138).

Há uma história, que foi difundida na época do pós-guerra e que permanece viva até hoje, que conta o regresso de um excombatente ao seu lar. Não se sabe exatamente quem são seus protagonistas ou quem relatou pela primeira vez esta história, mas ela é contada por veteranos de vários lugares da Argentina. Sabe-se que foi publicada, no primeiro aniversário da guerra, pelo jornal Clarin, no espaço das crônicas de Gabriel Garcia Márquez.

Esta história tornou-se um símbolo que descreve como os jovens que lutaram nas Malvinas, sentiram-se ao retornar à suas casas, descreve a sensação de não aceitação que imperava nos seus retornos.

Conta a história, que ao fim da guerra, um soldado que havia sofrido uma lesão em combate e adquirido uma deficiência física, telefonou do quartel para sua mãe. Sem que sua mãe conhecesse seu estado, pediu permissão a esta para levar um suposto companheiro com deficiência física para sua casa. A mãe respondeu que não. Existem duas versões: uma diz que o soldado desligou o telefone; e outra que ele respondeu: “na verdade esta pessoa sou eu, mamãe”. Porém, os relatos coincidem quanto ao final: o jovem veterano se suicidou (LORENZ, 2006).

As questões que ficam a partir desta história são: por que este relato tornou-se um símbolo do regresso dos excombatentes? Por que tantos contam esta história? Por que para tantos isto era o melhor que podiam dizer sobre suas sensações ao voltar das ilhas?

O que podemos pensar é que esta história é marcante porque demonstra a negação da sociedade em relação aos excombatentes, a rejeição, e o sentimento dos soldados de inadaptação à nova realidade, a sensação de sentirem-se vítimas da Guerra e, ao mesmo tempo, serem acusados de responsáveis, por aqueles que deveriam acolhê-los.

“Durante la guerra nuestros combatientes eran heroes absolutos, casi ‘superhombres’. Después del 14 de junio, esos mismos personajes pasaron a ser ‘ineficientes’, ‘cobardes’ y ‘incapaces’” (LORENZ, 2006, p.180) .

Sobre a inadaptação ao retornar para casa, VICTOR CATA (2007) conta:

Depois de duas semanas que eu estava em casa, minha mãe me perguntou: como você está agora? Eu me sinto estranho, como uma borboleta, sinto que subo, baixo, não vou nem para frente e nem para trás... nós nos suspendemos no tempo. Minha mãe, pobrezinha, não entendia. Pensou que eu não estava gostando de estar em casa, mas o que ela não entendia era que eu havia estado em uma guerra, e que há

mais de 11 anos eu não vivia com uma⁵ Tinha dois problemas, ou seja, sobreviver depois da guerra e tentar entender como era a composição de uma família

Eu completei 20 anos nas Malvinas. Com 20 anos eu tinha que resolver um dilema muito grande. Não era fácil, então, para meu entendimento, estar suspenso no ar. Depois de 16 dias de minha volta, comecei a trabalhar. Saía às 6 da manhã e olhava as pessoas eu saíam para trabalhar. Algumas pessoas desesperadas, eu as via em câmera lenta, porque eu havia estado em um lugar onde a maioria fazia tudo muito mais rápido que o normal. Então, em minha visão, ao olhar as pessoas que corriam para trabalhar, eu as via em câmera lenta. Eu estava vindo de um lugar onde a velocidade era muito mais rápida. Em uma guerra não importam os dias, não importam os meses, não importa o clima, vai se perdendo a noção de tempo. Em uma guerra nos guiamos pelo sol ou pela lua.

Também sofreu com a imagem de “louco da guerra”, mas conseguiu um emprego, através da solidariedade de alguém que também era um excombatente de outra guerra, o que fazia com que não participasse da discriminação imperante na sociedade:

Quando retornei, haviam muitas pessoas que não perguntavam sobre a guerra porque pensavam que iriam me desrespeitar. Mas havia alguns que sim, perguntavam. Eu notava que as pessoas me olhavam muito diferente. Por exemplo: meu padrasto um dia me convidou para caçar. Ouvi minha mãe dizer à ele: você não dê arma para ele porque ele pode lembrar da guerra e nos matar.

Para trabalhar eu tive sorte. Eu fui a uma empresa alemã que o dono esteve durante a Segunda Guerra Mundial lutando contra os britânicos. Então ele disse: você esteve lutando na Guerra das Malvinas? Sim. Então você tem que vir comigo (VICTOR CATA, 2007).

Ignácio (2007) fala de seu retorno, da perda do emprego e da discriminação sofrida na universidade, onde o professor não acreditava que este fosse capaz de estudar por ser um excombatente. Esta desconfiança culminou na sua desistência da faculdade. Porém, passado algum tempo, conseguiu readaptar-se novamente, retomou os estudos e conseguiu emprego.

O pior para nós, para mim, não foi a guerra, foi o pós-guerra, voltar. Eu estudava e trabalhava. Quando voltasse das Malvinas eu sabia que meu trabalho na Colina do Sul estava seguro. Quando voltei de Malvinas o meu patrão não me contratou. Então comecei a estudar, ingressei na faculdade de engenharia mecânica. Lembro de um professor que dizia que eu não havia estudado para as provas. Eu dizia que sim e ele dizia que não. Assim foi minha carreira meteórica na faculdade. Quando terminei vi que aquilo não era para mim. No ano seguinte ingressei em uma faculdade privada. Me incomodava que o professor duvidasse de mim. Creio que para mim e para muitos companheiros, para a maioria, o pior foi a volta. Para mim,

⁵ Havia estado 11 anos vivendo em um colégio interno após a perda do pai.

minha família estava inteira , minha noiva me esperou, em três ou quatro meses comecei a trabalhar em outro lugar, ou seja, dentro do que foi com todos, a minha chegada foi muito boa. O problema era explicar à sociedade tudo o que se passou em Malvinas.

Diante deste estigma de loucos, desta exclusão social e do desemprego, a taxa de suicídios entre veteranos da Guerra das Malvinas foi alarmante. A taxa era altíssima, e ainda hoje, se tem notícia de suicídios de veteranos de guerra.

Miguel Bonasso (2002, apud Palermo, 2007, p. 420) expresa que:

El suicidio no es un mero acto individual, es el recordatorio de que la sociedad ha perpetrado con algunos de sus hijos el peor de los crímenes, que es el olvido. Esa tesis se potencia con el numero: desde la derrota de Malvinas se han suicidado 269 veteranos... una tragedia colectiva que debería sacudir la conciencia de los argentinos.

(...)

Según La Nación (2/4/2003), a esa fecha el numero de suicídios habia ascendido a 302 ex combatientes. El suicidio es solamente la culminacion, en muchos casos, de una serie de graves dificultades emocionales y psicológicas que sufren muchos de los veteranos.

Em 2008, esta taxa continua a aumentar. Um dos entrevistados comunicou à autora deste trabalho, no mês de abril, mais uma morte de um companheiro seu. Ainda hoje, a Guerra das Malvinas continua a produzir mortos, mas os algozes destas novas mortes são a sociedade e o silêncio e exclusão que esta produziu e continua produzindo.

“Aquello que una sociedad hace o deja de hacer con los ex combatientes a su regreso puede ser crucial para la vida de muchos” (Palermo, 2007, p.421).

“Quizá la carta dejada por Luis Alberto Lopresti, uno de los muchos suicidas, lo ilustre em su forma más descarnada: ‘quiero volver con mis companeros. No quiero ser un estorvo para mi familia ni para la sociedad’” (Palermo, 2007, p.423).

Embora controverso, alguns soldados ainda vêem a Junta Militar como protetora dos excombatentes. Apesar das agressões, da desmalvinização, de todo o terror, ainda acreditam que os militares foram bons no pós-guerra por terem proporcionado emprego público para alguns sobreviventes, e isto ameniza toda a situação. E a culpa maior recae sobre a sociedade, que não os acolheu.

Nós voltamos. Trazem-nos de volta para a sociedade o processo de organização nacional. Abrem-nos a porta e nós vamos. A sociedade que naquele momento se agitava aqui em frente à praça onde estava Galtieri: Malvinas! Malvinas! Não havia ninguém. Ou seja, a força que nos chamou e nos convocou não nos deu graças pelo serviço prestado. Não havia

ninguém. Ou seja, ficamos como parias não somente dentro das Forças Armadas mas também dentro da sociedade. Voltamos com o estigma da derrota.

Ei tove a sorte de voltar da guerra e conseguir um emprego. Dois mil companheiros meus tiveram esta sorte que depois o governo democrático não lhes deu. Ou seja, aquele processo desumano, torturador, vergonhoso, tudo o que queira colocar como do terror, terrorismo do Estado, foi quem deu a oportunidade a grande quantidade de companheiros para, não os estou defendendo, para ingressar nas estruturas do Estado. Depois veio a democracia e se viu entrar um que outro veterano de guerra em distintos organismos públicos ou do Estado, não era a quantidade que se esperava neste momento. Ou seja, o governo não reconhecia o veterano de guerra (IGNACIO, 2007).

O pós-guerra, então, foi marcado pelo silenciamento do governo e da sociedade em relação à guerra suja, e marcado pelo preconceito e exclusão dos ex-combatentes, que culminou com a estigmatização destes como loucos, com o desemprego e suicídios.

3.1 Malvinas 25 anos depois: a visão da sociedade em relação ao tema

Buenos Aires, 2007. Vinte e cinco anos se passaram desde a invasão argentina das Ilhas Malvinas. Buenos Aires faz silêncio sobre o ocorrido. Não há comentários, não há homenagens, não há veteranos sendo ovacionados. Silêncio.

Ao conversar com as pessoas na capital argentina e em La plata, observa-se que muitos preferem não falar da guerra, ou limitam-se a dizer: “Galtiere borracho mandou nuestros chicos a una guerra absurda.”

E o mesmo se passa com os excombatentes, que também preferem não falar de Malvinas, principalmente com a mídia. Estão cansados de falar e sofrem com a contradição que existe entre a visão social da guerra e suas próprias histórias (LORENZ, 2001, p. 28).

“El país intenta olvidar la guerra de Malvinas. Sepultar lo que pasó para no hacerse cargo de sepultar los muertos que produjo con la necesaria participación de las mayorías” (PALERMO, 2007, p.347).

Los pueblos no duermen... estaban despiertos cuando salieron a apoyar el proyecto de los militares en masa, y esa es la realidad que amaron y a la cual adhirieron con mansa satisfacción cada uno de sus pobres miembros.

Y están despiertos, también hoy, cuando no piensan ni quieren recordar nada (PALERMO, 2007, p.347).

As pessoas acreditam que a guerra foi planejada e conduzida por militares antidemocráticos e culpados de violações aos direitos humanos e não há diferença entre estes e um soldado raso, como explica Ignacio (2007).

O governo nos recebeu com um processo que havia sido exercido no ano de 1976, o processo de reorganização nacional, este governo nos recebeu. A sociedade nos castigava por havermos perdido Malvinas. Vínhamos com a derrota e com a confusão de que não éramos os militares que conduziram a guerra mas éramos os soldados que fomos combater. Então disso não se falava, nisso não se tocava, houve muito silêncio que hoje em dia aos poucos está se rompendo. E sabe por quem está sendo rompido? Pelo inimigo. Ou seja, nos livros ingleses que tive a sorte de ler traduzidos, aparece o nosso nome, do Batalhão de Infantaria Marinha Número 5. E não como um monte de ópio como fazem nossa própria armada e nossa força. Então tudo isso vai ocorrendo dentro do que é a história de nossa reinsertão na sociedade (IGNACIO, 2007).

“Los militares de la dictadura, que estaban fuera de la guerra, colocaron la culpa en los que estaban en las Malvinas. Culpaban aquellos que estaban dentro de la guerra. La sociedad recrimina todos los militares” (VICTOR CATA, 2007).

Yo tuve discusiones con gente que me decía: “Y, si, vos estuviste, pero vos mucho no habrás hecho porque se perdieron las islas” Y yo les decía: “Mirá, yo no sé, poco, mucho, yo estuve. Vos que hiciste? Prendiste la television. Yo hice todo lo que a mi alcance estaba.” Al no haber ganado, te agreden” (LORENZ, 2001, p. 31).

“En el caso de la Guerra de Malvinas, el recuerdo de los veteranos choco con la imagen de sus conciudadanos, y surgió un trauma producido por esta contradicción entre sus historias de vida y la versión pública de estas” (LORENZ, 2001, p. 29).

Para muitos veteranos a experiência foi frustrante e ainda não foi superada. Em consequência, para alguns excombatentes, a evocação de sua experiência continua sendo traumática. Alguns não querem ser entrevistados, outros somente aceitam colaborar em alguns casos.

Sobre o silêncio dos soldados, um dos entrevistados afirma:

Em relação ao silêncio sobre a guerra há três casos: (1) há pessoas que realmente fazem silêncio porque não podem superar; (2) há pessoas que se trataram, que é o meu caso, psicologicamente; (3) e os que não sabem

nada, porque não sofreram nenhum revés na guerra, e que dizem para a sociedade que sofreram muito.

Há três casos: o que sofreu realmente, que não quer falar, está mal; o que como eu fez um silêncio sobre a guerra mas que agora está falando; e o tipo que não sofreu, que não sentiu um tiro perto, e diz que sofreu (o caso de um soldado que servia café ao general, disse que havia sofrido muito... este é mentiroso) (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Há um silêncio dos excombatentes, inclusive dentro da família. Há uma resistência a falar sobre o assunto em todos os meios sociais.

Em minha família não se fala muito porque não é algo que eu gosto de falar, não é nada grato recordar, mas há momentos em que falo, como com você. Uma coisa técnica, profunda, científica. Com você eu vou falar, lembrar, mas há um motivo, é algo para o bem do próximo. Mas falar em um café, nunca! Nós vimos correr o sangue argentino (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Eu por exemplo com minha família não me considero veterano de guerra. Na verdade eu fui e cumpri como todos eles. Eu com minha família nos 25 anos em que casei com minha esposa, nunca falei da guerra. Meus filhos nasceram e nunca falamos da guerra, têm 22 anos e 15 anos. Nunca me perguntaram o que foi a guerra, o que aconteceu. Para mim é uma coisa que eu passei, que já cumpri, mas não se fala por aqui. Poucas vezes as pessoas me rodearam perguntando (REINALDO, 2007).

Em geral os veteranos não falam sobre Malvinas. Meu filho me surpreendeu. Terminou o segundo grau, tem 18 anos e escreveu como tese um trabalho sobre Malvinas a nível social e foi à casa de outro veterano sem me dizer nada. Falaram a nível social sobre Malvinas, a dificuldade que temos em muitas questões que as pessoas não sabem. Meu filho escreveu uma tese como se fora de uma faculdade, com muita realidade.

Hoje em dia a sociedade sabe que temos uma boa pensão de guerra mas há 3 anos atrás não tínhamos a pensão. E há 10 anos atrás também não tínhamos a pensão de guerra. Por muitos anos em nossas vidas o tema "ser veterano de guerra", só dizer que era veterano de guerra e não se conseguia trabalho. Quando eu regresssei ao meu antigo trabalho, não me quiseram porque eu vinha de uma guerra. Tive sorte porque eu quis estudar, porque se não, aquele lugar que me disseram que iriam cuidar, guardar, que me queriam, em que eu tinha uma familiaridade com o chefe, não me quiseram porque sou veterano de guerra. E como isso aconteceram muitas coisas. Por isso eu te digo que eu fui bem recebido dentro das possibilidades, porque há companheiros nossos que perderam familiares, noivas, adolescência, trabalho, estudo.

Foi muito complicado para aquele que nós fomos, voltar à sociedade (IGNACIO, 2007)

Mas porque a sociedade fica em silêncio? É o que acontece quando uma sociedade se confronta com um passado vergonhoso, e vivido por ela mesma.

“Questionar-se ou falar sobre a guerra significa revisar a própria responsabilidade frente a um passado que a derrota nas ilhas faz sair à luz” (LORENZ, 2006, p. 144).

Este silêncio social está repleto de significados, de culpa e de remorso.

“Na perspectiva que assumimos, o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (ORLANDI, 2002, p.33).

Melhor é não recordar, para tentar acreditar que não tiveram culpa alguma nos eventos ocorridos entre abril e junho de 1982.

“(…) del no tuvimos nada que ver con esta aventura insensata, a nosotros tambien nos enaganaron estos miserables (y por lo tanto no somos los responsables de nada)” (PALERMO, 2007, p.292).

Sobre o silêncio e responsabilidades, Victor Cata (2007) afirma:

Nós fomos à guerra não pelo governo militar. As pessoas que foram à Praça de Maio. Não foi a Junta Militar que pediu para irem à praça. Foram voluntariamente. Agora eu pergunto: onde estão estas pessoas? Sabe quantas pessoas eu ouvi dizer que foram à Praça de Maio? Em 25 anos? Cinco pessoas. Eu vivo na capital, cinco pessoas de todas as que foram?

Os soldados que saíram ao som de “vivas”, retornam estigmatizados e discriminados, por um governo e uma sociedade que os impeliram à guerra, e que agora querem apagar de suas consciências o erro que cometeram.

La gran mayoría de la población, olvidando que las Juntas ya habían estado a punto de meternos en otra guerra con nuestros hermanos chilenos, ahora creía, verdadera y honradamente creía que porque la causa era justa se podría vencer a una potencia imperial como Inglaterra, aliada de la mayor potencia planetaria. Y así consintió... Fue por todo eso, también, que la derrota dolió tanto. Al despertar a la realidad, el pueblo argentino vio que todo había sido mentira, menos la solidaridad internacional. Y entonces fue la vergüenza. Y la negación (PALERMO, 2007, p.352).

Luego, ellos volvieron. Fue un regreso sin gloria. Los años pasaron y algunos intentan reivindicar una guerra que estuvo el fin péfido de afianzar un régimen de crueldad y atrocidades sin nombre. Otros asumen la verdad y asumen un camino extremo, que puede y debe ser evitado: el del suicidio. La dura verdad que hay que sobrellevar es la de este país, es la que todos compartimos: no hay gloria en la que podamos ampararnos (LORENZ, 2006, p.299).

“Que es lo que vuelve ‘legítimo’ el reclamo de los ex combatientes? Haber sido víctimas del Estado, del silencio social, o su participación en la guerra” (LORENZ, 2006, p.305)?

Mientras tanto, hay también novedades domésticas en la causa, que nos colocan frente a nuevos problemas nada fáciles de resolver. Una de las principales es que hay veteranos de guerra entre nosotros. (...) son víctimas? Heroes? Pura y simplemente veteranos? Por qué? Si los consideramos víctimas, podemos al mismo tiempo hacerlo de un modo que no desfigure la percepción que de sí mismos tienen muchos de ellos, y de la cual extraen parte de la autoestima que necesitan para vivir? O deberíamos decir más exactamente sobrevivir? Y en todo caso, víctimas de quien? Del Galtieri borracho que mató a los muchachos, del Estado, de todos, de sus familias, de sí mismos (PALERMO, 2007, p.32).

É-se responsável não apenas pelo que se faz, mas também pelo que se deixa de fazer. Silenciar é fazer algo contra os veteranos e, ao mesmo tempo, deixar de fazer, deixar de promover a valorização que estes buscam. A culpa da sociedade torna-se, então, dupla.

“O silêncio não é diretamente observável e no entanto ele não é o vazio, mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está ‘lá’” (ORLANDI, 2002, p.47).

“É por fissuras, rupturas, falhas, que ele se mostra, fugazmente” (ORLANDI, 2002, p.48).

“O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo, de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas” (ORLANDI, 2002, p.34).

Victor Cata (2007) tem uma explicação sobre o fato da sociedade ter silenciado a existência dos ex-combatentes:

Eu sinto muita raiva, às vezes, por não ter dos argentinos o reconhecimento do que fizemos por nosso país. Mas sei que é a natureza argentina. Tem um conto da rã e do escorpião:
Havia um escorpião que estava do outro lado do rio, e o escorpião queria cruzar para este outro lado do rio. Ele vê uma rã e aproxima-se dela. Lhe diz: Não tenha medo, não vou picar-te, você seria capaz de levar-me ao outro lado do rio? A rã lhe diz: Não! Como levá-lo ao outro lado? Vais picar-me e vamos morrer os dois. Então o escorpião lhe disse: Não, eu quero chegar ao outro lado, você me levaria? A rã pensou um momento e disse: bom, tem que ficar claro que se me picares, morreremos os dois. Então o escorpião lhe disse: não, dou minha palavra de que não vou te picar. O escorpião subiu na rã e os dois começaram a cruzar o rio. Quando estavam no meio da água, o escorpião picou a rã. A rã disse: te destes conta do que

fizestes? Agora vamos morrer os dois. Por que fizestes isso? O escorpião respondeu: É minha natureza, se não pingo, não posso viver. A natureza dos argentinos é essa, esquecer. Mas não é uma natureza que faz bem, lamentavelmente. Tomara que agora, como muitos veteranos de guerra estão morrendo, começemos a ganhar um maior reconhecimento. Eu cumpro com meu País, com minha Pátria, ou seja, um sacrifício maior para um ser humano seria defendê-lo. Se não me reconhecem, não tem importância. O que me importa é ter paz de espírito, transmitir a experiência às gerações seguintes. Mas meu País não me reconheceu, a sociedade não nos dava apoio, por isso meu padrasto disse 'não lhe dê arma porque é perigoso'. A culpa da guerra foi da sociedade, a sociedade deveria reconhecer sua culpa de ter insistido na Praça de Maio em dois de abril.

Agora, o governo argentino neste momento não viu, e 25 anos depois, nossos próprios compatriotas reconhecem este feito mundialmente, mas não interiormente. Ou seja, quando estes chegam depois de dar volta ao mundo, te dizem: desculpa, não te vimos. Mas quando mais países se dão conta do que foi... é uma típica forma do povo argentino, de não reconhecer seu próprio cerne (VICTOR CATA, 2007).

A sociedade, ao mesmo tempo, vitimiza os soldados e os culpa pela derrota, assim como ignora a presença destes na sociedade. Em consequência, os excombatentes lutam, até os dias de hoje, por reconhecimento moral e material.

“(...) los reclamos de los jóvenes veteranos: el predominio del discurso victimizador, y la falta de respuestas materiales a sus necesidades concretas de tiempos de paz” (LORENZ, 2006, p.218).

É um exame diário acerca da sociedade porque há muitas injustiças que nós vemos e queremos acabar. Creio que a discriminação vem da ignorância. O tema hoje nos colégios não é como foi para mim, que estudava que existiam umas ilhas que haviam sido roubadas há muitos anos pelo inimigo histórico da Pátria que é o pirata inglês. Se isto não se faz, dizendo às crianças, as crianças não entendem. A grande maioria das informações para nossa sociedade jovem foi transmitida através do filme Iluminados pelo Fogo que é o filme mobilizador para estas crianças que não sabiam que existiu uma guerra. Se há uma coisa boa neste filme é isso, que mobilizou, mas lamentavelmente o filme, em minha opinião, não é o que vivi. E segundo dizem, muita gente conhece o autor, dizem que é uma pessoa que não poderia ter escrito nada. Para mim e para muitos de nós ter ido à Malvinas foi uma honra. Defender Malvinas, uma honra. Então fazer entender isso à muitas pessoas que hoje está chorando pelos cantos, é muito difícil. Depois vem o silêncio, não somente o silêncio das Forças, do Exército, da Força Aérea, da Armada, o silêncio do que aconteceu. Não sei porquê do silêncio. Eu calculo que é parte da desmalvinização que tivemos. Desmalvinizar quer dizer não falar de Malvinas porque se poderia despertar um sentimento muito objetivo. Por exemplo: há livros escritos sobre Malvinas. Cada um contou como quis, mas uma informação oficial de como aconteceu não tem (IGNACIO, 2007).

Outro aspecto que os ex-combatentes argentinos repudiam, é o fato de serem tidos como crianças que foram obrigadas a lutar na guerra, não aceitam o sentimento de piedade que a sociedade lança sobre eles. Os soldados não se vêem como vítimas, como “chicos de la guerra”, esta é a imagem que a sociedade criou para estes no pós-guerra.

La construcción de la imagen de los ‘chicos de la guerra’ es el mejor ejemplo de lo que podía hacerse con la evidencia de que numerosos civiles participaron en el conflicto belico y muchos otros, sus mayores, prestaron un consenso. La memoria civil he rescatado a los ex soldados de la (ir)responsabilidad en aquella ‘locura’, por su corta edad y su indefension, pero a cambio de transformarlos em las victimas indefensas de sus superiores, no de los británicos. (...) La memoria civil los he transformado en victimas exclusivas de otros, no de los propios civiles (GUBER, 2001 apud LORENZ, 2006, p.422).

A imagem heróica que têm de si, não condiz com a imagem que a sociedade apresenta. Para eles, foram homens que lutaram por seu país; a imagem social é a de que eram crianças despreparadas que não sabiam o que estavam fazendo ali.

“(…) sin duda un enemigo clave de los ex combatientes, en cuanto a la construcción de su imagen publica, fue la película Los Chicos de la Guerra (...) Reafirmamos que ‘Los chicos de la guerra’ cuando pisamos Malvinas dejamos de ser chicos para ser hombres (LORENZ, 2006, p.217).

Estas crianças de que falam não eram crianças. Se eu estou portando uma arma, eu sou criança? Assim nos vêem os argentinos. Mas o britânicos dizem outra coisas de nós: que lutamos com valor, com ímpeto, que demonstramos que apesar de não termos os equipamentos, lutamos mais que um leão (VICTOR CATA, 2007).

(...) Nos dimos cuenta de que los ex combatientes no somos los “inválidos”, a los que el pueblo deve venir a dar uma donacion, somos si los que nos enfrentamos no com discursos, sino con las armas en la mano, al imperialismo; pero que formamos parte de uma juventud, de una generacion a la que el hecho más importante que la marcó fue – si todavia le caben dudas a alguién – Malvinas (LORENZ, 2006, p.233).

El soldado más condecorado de Malvinas – Oscar Poltronieri – vive en la pobreza y no tiene trabajo. Uno de los máximos heroes no militares de la guerra de Malvinas vive hoy en la pobreza más extrema (...) No es el único de entre miles de veteranos que viven hoy olvidados, marginados, desamparados, hasta despreciados por una sociedad que festeja el inicio de la guerra con el siempre sospechoso exitismo de los aludes a la Plaza de Mayo, y miró para otro lado despues de la rendicion de puerto argentino (LORENZ, 2006, p.283-284).

“Hay gente que encerro el tema malvinas. Cerro la perciana” (IGNACIO, 2007).

Malvinas é uma ferida aberta na sociedade. É um problema para os veteranos não para a sociedade. Na sociedade as crianças não se dão conta do problema que aconteceu nas Malvinas. As pessoas não falam sobre o tema Malvinas. Malvinas é dois de abril ou catorze de junho, nada mais. Depois disso, muito pouco. Não se fala sobre isto nos colégios. Entre amigos sobre isto não se fala. O dia que morrer o último veterano que visita as escolas, quem vai às escolas depois? Ninguém mais? A geração de civis pode dar continuidade ao tema: O dia que se for o último veterano irá ser interrompida a história (REINALDO, 2007).

Uma auto-crítica da Força não teve, há um silêncio político para reclamar algo. Na Argentina não há uma consciência pelo nacional como tem o Uruguai, o Brasil, como podem ter muitos países da América Latina. Na Argentina, isso somado aos conflitos do quartel, querem esquecer tudo o que passou, as conseqüências de porque esquecemos. Eu particularmente tenho a sorte hoje, hoje, de estar em um trabalho que me permite tempo de ir à comícios com amigos contar a história de nossa unidade, do que nós vivemos, para que a sociedade saiba que por Malvinas se lutou, se defendeu com atos heróicos, com atos de valor. As pessoas morreram ou foram presenteadas com sangue em sua defesa. Não vou lamentar de que me chatearam, que tinha fome, que tinha frio, isso não lhes digo. Hoje tem que ser feita uma auto-crítica à Força Armada, na qual nós lutamos. A Armada também faz silêncio sobre a guerra. Nossa unidade foi a última que combateu, era um estandarte de força em nossa unidade. Mas não, há silêncio, não compreendem (IGNACIO, 2007).

Ainda hoje, além da vitimização e culpa atribuídas aos soldados, estes sofrem com o estigma de loucos.

É certo que muitos dos excombatentes apresentam distúrbios psiquiátricos e são altos os índices de suicídio, mas a sociedade insiste em generalizar a marginalização.

Olha! Aqui tenho uma Bandeira Argentina em meu escritório, e por ser veterano das Malvinas isto me traz problemas porque se tu tivesses uma bandeira em teu escritório diriam que és patriota, mas um veterano das Malvinas dizem: ‘Ah, um louco da guerra!’ Se eu coloco um camiseta verde militar dizem que já estou louco. Isto é um exemplo. Eu tenho família formada, tenho filhas, mas há tantas coisas que os rapazes tem passado depois da guerra, muitas coisas (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Eu trabalho com grupos de jovens. Eu os ensino a não matar, e a entender o que foi a guerra. Na realidade o outro não é um uniforme, é uma vida. E uma vida vale, vale muito. Então deste âmbito lhes preparo, para tarefas humanitárias, com gente que sofreram catástrofes, os mostro a outra parte da guerra, que devem ajudar, não podem matar. Eu tenho várias

especialidades, eu sou professor e doutor em tiro, mas não ensino tiro, somente a parte humanitária, primeiros socorros. Eu trabalho na Infantaria Marinha, eu tenho uma associação de veteranos de guerra. Trabalho para ajudar os veteranos.

Quando eu fui à Malvinas, mandaram para mim dois marinheiros que não sabiam nada de guerra, de arma... então eu tinha que os adestrar para ir a um campo de batalha porque senão eles seriam os primeiros a morrer. Iriam pisar em um mina artesanal, levar um tiro na cabeça.

Há quatro meses atrás um deles veio me visitar porque ele queria se suicidar. Ele falava que sua mulher não lhe entendia, seu filho não lhe entendia, seu pai e sua mãe não lhe entendiam. Na guerra eu lhe protegia, então, comecei a falar com ele. Três meses depois da guerra, todos descansam; passado três meses vem os problemas. Quando voltamos as pessoas falavam: vocês têm problemas. Mas eu sou feliz, eu sou feliz – eu dizia. Fomos começar a entender o que uns sentiam, passados 3 meses. Tomamos consciência do que tínhamos por dentro. Estresse pós-traumático temos todos. Não se pode ver as luzes, dor, brisa... estes momentos ficaram gravados em nossas mentes, recordam o acontecido, porque o cérebro sempre está registrando, gravando tudo, e estes momentos marcaram à todos. Há muitas pessoas alcoolatras, drogadas, suicidas, presas... Nem todo mundo se dá conta de que a pessoa está chegando ao seu limite.

(...)

Este rapaz que veio falar comigo e disse que queria se matar, dizia que as pessoas não escutavam as baratas. Eu perguntei: em que mês escutas as baratas caminhando? Ele falou: junho. Eu disse: durante 3 meses você vai estar alerta, posteriormente você vai estar cansado, em dezembro você não vai escutar as baratas.

Muita gente tem este problema. Não é um problema, é um (VICTOR CATA, 2007).

O que nenhum país no mundo vai dizer é que quando tu vais a uma guerra, estes problemas vão acontecer. Exemplo: se te dizem que vais atravessar o rio, vais te cortar, tu vais atravessar o rio? Agora, se te dizem: tu podes cruzar o rio, vão ficar cicatrizes, mas temos a tecnologia necessária para curar estas cicatrizes. Antes de ir para a guerra eu não imaginava que estas coisas podiam acontecer. Agora, eu tenho arma, mas não posso atirar e matar um pássaro, caçar. Eu não posso atirar em algo vivo, não porque não possa, eu tenho permissão mas espiritualmente não posso. Parece que estou fazendo algo errado perante o Criador. Porque a maioria de nós é vegetariana (VICTOR CATA, 2007)?

Vinte e cinco anos depois da guerra, estes dramas pessoais encerram a essência de muitas das dificuldades sociais para falar de Malvinas.

Malvinas aparece na consciência coletiva como um fantasma do passado, uma culpa que de tempos em tempos volta.

Los legados crueles que nos dejó aquel episodio de 1982 hacen patente la facilidad con que podemos borrar nuestro pasado en vez de asumirlo como tal y ponernos manos a la obra desde el lugar a donde llegamos, por incomodo que sea, y no desde el lugar donde nos gustaria estar de no haber ocurrido las cosas que efectivamente ocurrieron (PALERMO, 2007, p.177-178).

3.2 O que os ex-combatentes esperavam da sociedade

Os veteranos com certeza esperavam muito mais de seus compatriotas. Esperavam a acolhida e reconhecimento da sociedade e amparo por parte do estado e de seus comandantes durante a guerra.

“Nosotros esperávamos un reconocimiento mayor. Las banderas volando, los argentinos gritando vivas, y nada fue, todavía no fue” (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

Hoje em dia eu encontro muitos oficiais, suboficiais e companheiros soldados. Comportam-se mal, nunca foram capazes em momento algum, de vir e dizer: e tua família? Ou seja, pequenas coisas que necessitávamos. Ele era chefe, devia pensar: o garoto não se foi, o garoto combateu conosco. Mas não! Devia irmanar-se, solidarizar-se (IGNACIO, 2007).

Gustavo Luzardo (2007), um dos ex-combatentes entrevistados, em 1999, escreveu um poema que demonstra a inconformidade frente a recepção dos seus compatriotas. Ao saírem da Argentina foram ovacionados por representar o povo (nosotros), e ao retornarem foram ignorados, tornaram-se “vosotros”.

Volver

En el barro de trinchera,
Como una revelación,
Descubri
Que la guerra enseña más
En dos minutos
Que la paz en veinte años.

Oculto tras una roca,
Soportando fuego intenso,
Comprendí
Cuánto es que vale un amigo
Cuando está en el sitio justo
Y en el momento apropiado.

En mi lecho de enfermo,
Por caer en un combate,
Conocí
El amor del ser humano
Para él que ya está agotado
De sufrir.

La guerra nos deja cosas
Y nos enseña verdades
Que debemos compartirlas
Al volver.

Pero, lo que no te enseña
Para lo que no prepara,
Lo que ni un sólo soldado
Mereció,
Fue ese regreso sin gloria,
Sin cariño, sin historia,
Sin argentinos gritando,
Sin banderitas flameando,
Sin aplausos ni saludos,
Un regreso que ninguno
Imaginó.

(...) (los ex combatientes) fueron alentados, cuando los mandaron a ir a la guerra para ser héroes, y fueron ignorados como si no existieran cuando vuelven derrotados, y habiendo muerto miles de sus compañeros, o habiendo tenido que matar en frío, obligados por la estupidez y la insensibilidad criminal de los militares y de los valientes compatriotas, como si la experiencia de dar la muerte al otro, o ver a sus compañeros morir, no hubiera significado nada (PALERMO, 2007, p.298).

Hay severas recriminaciones que hacer, pero sus destinatarios somos los argentinos actuales, vergonzosamente desmemoriados(...) se olvidan minuciosamente de aquello... es la argentina pequeña, incapaz de reconocer sus pasiones y su euforia, incapaz de concederles la palabra gloria a sus muertos por la Pátria (PALERMO, 2007, p.353).

“Se pretendió (...) reducir la recuperacion de Malvinas a una ‘aventura de la dictadura militar’, olvidando que el conflicto viene del fondo de la historia argentina, omitiendo el protagonismo popular y negando la razón y justicia de nuestro reclamo (...)” (PALERMO, 2007, p.425).

A grande frustração em relação ao Estado, foi que todas as leis conquistadas até o momento, foram conquistas através de manifestações e lutas dos excombatentes. O Estado não ofereceu espontaneamente qualquer ajuda, qualquer reconhecimento e solidariedade.

Según la mayoría de los centros, los gobiernos de Bignone y Alfonsín abandonaron los veteranos a su suerte. Para ellos, “el país que se encendió de júbilo durante la guerra de inmediato les dio la espalda a quienes la padecieron en el frente.

(...)

Meném habría mejorado en algo la situación – la ley 23.848, de 1990, les otorgó una pensión vitalicia equivalente a un haber mínimo mensual de una jubilación ordinaria (PALERMO, 2007, p.421).

Muchos recibían una pensión equivalente al salario de un cabo pero en octubre de 2002 sus servicios de salud habrían sido suspendidos. La desocupación alcanzaría a 7.500 de los veteranos. En marzo de 2005 se conoce un proyecto de ley de resarcimiento monetario (“moral y económico”) a los ex combatientes o a familiares de los fallecidos (que sería de \$ 200.000) (PALERMO, 2007, p.422).

Imagina que a primeira pensão de veterano de guerra nós tivemos em 1991, ou seja, passaram-se 11 anos para conseguirmos alcançar este objetivo da pensão na qual o governo democrático não queria se envolver. A pensão nos deu o governo de Meném. Então na balança, hoje nós temos uma pensão boa como veteranos de guerra, uma pensão digna pelo que passamos. Neste mesmo governo, nos instalamos durante 120 dias, com barracas na Praça de Maio, na qual estivemos defendendo nossa pensão. Ou seja todas as barracas, com todos os veteranos nas barracas... o governo não dava sinal. Na Praça de Maio é histórico ter barracas na qual torcemos para que o governo nos desse a pensão. Então há um anúncio de que vão nos dar o dinheiro, um dinheiro que nos deviam, que não me deram à 10 anos atrás.

A primeira lei dos veteranos de guerra, hoje existem muitas, mas a primeira lei de benefícios para os veteranos de guerra saiu em 1984 onde o governo democrático aprova a lei para o trabalho, para a moradia, para a saúde, educação, ou seja, muitos pontos que teriam a ver com nossa frustração. Nunca foi promulgada esta lei, não saiu esta lei, no papel ainda está. Hoje há muitos benefícios que temos mas não foram feitos, pensados, por parte do Estado. Os veteranos obrigaram os políticos (IGNACIO, 2007).

Em relação à assistência médica aos sobreviventes com distúrbios psiquiátricos relatam:

O Estado não ofereceu ajuda. Que ajuda nos pode dar se o estado não está preparado? Hoje em dia, 25 anos depois, eu tenho uma pensão de quase 5 mil pesos, mas o dinheiro não é tudo, e o resto? Preferia ganhar menos para que meus companheiros tenham um tratamento. O estresse pós-traumático, não há família que cure, não há tratamento que o cure, não há nada mais que o cure. Muitos de nós, não entendem o que começa a acontecer. Pensam que a vida terminou. A maioria sofre e fica esperando. Não adianta explicar que se te matares estarás cometendo um pecado, a pessoa abre a porta e sai, Agora, este problema não tem só veteranos de guerra, todas as pessoas podem ter. Quando tua mente já passou para o outro lado, a única forma de tratamento é prendê-lo, dar-lhe comprimidos e depois recuperá-lo (VICTOR CATA, 2007).

A comemoração de 25 anos da Guerra das Malvinas, será como uma data a mais. O Estado tem obrigação de cuidar do veterano de guerra e o Estado lhe diz que não pode levá-lo à um Centro de Recuperação, à um hospital, ao psicólogo ou ao psiquiatra. Mas ninguém vai por conta própria, não irão. Pensam: eu não sou drogado, bêbado ou louco. O Estado devia mandar gente à casa da pessoa, falar com ela. Havia um espírito nacional que nos impeliu à ir e o espírito nacional – portanto, o Estado - devia assistir o veterano. Ir pessoalmente à casa ou ao lugar onde está o veterano. Não dizer que a pessoa tem que ir à um psicólogo ou psiquiatra porque ninguém irá por conta própria.

Eu não tive depressão, ou se tive não percebi. Porque eu quando sofri o problema na cabeça, me atenderam no hospital na hora. No caso dos soldados, que não tiveram preparação prévia de dois, três, cinco anos antes para ir à Malvinas, voltaram da guerra e tiveram depressão, era (REINALDO, 2007).

Hoje em dia, 25 anos depois, temos muitos companheiros que se suicidam. O Estado deveria fazer um balanço dos veteranos. Eu me sinto bem, tudo bem, mas imagina se tivesse tido algum problema e me refiro à esta época... há muitos companheiros que não estão bem, que se divorciaram, tem uma enfermidade. Não há uma compreensão. Depois de 25 anos o Estado diz: 'Bom, venha que vamos te perguntar algumas coisas e ver se estás bem, perguntar por tua família, tua esposa, por teus filhos. Estaria respeitando minha vida. O governo que deveria vir em 1984 tinha obrigação de fazer perguntas. Vinte e cinco anos depois já morreram mais da metade dos companheiros por suicídio, além de doenças, e muitos companheiros com doenças como droga, álcool e distúrbios psiquiátricos (IGNACIO, 2007).

E qual a lição que fica diante desta guerra? Que pensam sobre o valor de terem passado por tudo isso? Valeu a pena sacrificar-se por esta causa e por seu país?

Luego, el silencio. Sepulcral. Rozando el olvido. Malvinas? No, de eso no se habla. Casi diez años sobre nuestras espaldas, sobre nuestras conciencias en conflicto., Qué hicimos mal? Si ustedes estaban con nosotros, nos apoyaban, tejían, donaban sus alhajas, autos, dinero, comida... Porqué ahora no nos hablan? Porqué nos dejan de lado? Fuímos por ustedes, a defender la Pátria, la bandera... a entregar la vida. En qué

fallamos? Silencio. (...) Cómo puede ser que desee regresar, una y otra vez, a aquello que me provocó tanto dolor?

(...) la sociedad por la cual luchaban, cuando llegaron no los recibio bien y los metio en la misma bolsa que los militares.

(...)

No todos percibieron su experiencia de posguerra como la de una sociedad que los infantilizaba para separarlos de los jefes y su locura; muchos sintieron que esa sociedad los empujaba hacia los execrados militares de carrera (PALERMO, 2007, p.424).

Vinte e cinco anos depois, vejo que as guerras não conduzem a nada. Quem não matou? Todos têm uma família. Eu matei ele. E a família dele? Hoje em dia eu posso sentar com os britânicos, mas se vou encontrar com as famílias que eu matei, tenho que pedir perdão até mil anos. É igual do outro lado, creio que se passa o mesmo. Porque independente da guerra, nós somos cristãos, e a bíblia diz: não matarás. Como vais matar? Porque uma vez que és combatente, não tens como sair. Não vejo o rosto que vou matar, para mim é um uniforme, não vejo nada mais que isto. Ou seja, a guerra não é contra a gente, é contra o país (VICTOR CATA, 2007).

A guerra é a pior praga da humanidade, não deveria existir. É muito difícil para ambos os lados. Creio que com violência não se chega a nada. As experiências que tive foram muito tristes, porque eu meu caso, meu companheiro de infância morreu em combate ao meu lado. O irmão de meu pai também morreu em combate. Porque tens que estar preparado para ir à uma guerra, nós não estávamos, éramos civis. O sofrimento que se sente não se pode comparar à nada. Para sobreviver era muito difícil, foi também muito difícil chegar das Ilhas.

(...)

Eu tenho uma atitude pacifista, não bélica. Hoje em dia não apostaria em uma guerra por Malvinas. Não seria capaz de ter uma gota de snague a mais derramada, de nenhum dos lados (GUSTAVO LUZARDO, 2007).

La guerra de Malvinas fue uno de los pocos actos heroicos de la historia argentina, mucho más allá de la intencion espúria de los militares que pretendían perpetuarse em el poder, poner huevos y hacer lo mejor que se puede. Este es un mensaje que se continúa hoy y debería ser oído por la clase dirigente, que debería tener un poco más de amor la projimo... me acuerdo de los actos heróicos del 82, los comparo con el agoismo de los que gobiernan y me pongo un poco escéptico sobre el futuro (DARÍO VOLONTÉ, 2002 apud PALERMO, 2007, p.350).

Ao entrevistar os ex-combatentes, fez-se uma pergunta que, depois de feita, pairou no ar como se fosse totalmente dispensável ou inconveniente, pois sabia-se a resposta antes de pronunciá-la. Aproveita-se um poema, escrito em 1999, de um dos entrevistados – Gustavo Luzardo – para respondê-la e com isso demonstrar, resumir, o que ficou no coração destes valentes soldados:

Yo me quedo con la paz

Me preguntó la cronista
“¿Volverías a la guerra?”
Pobre, no tiene la culpa
Se dicen tantas pavadas.
El que habla de volver
O es porque no entró en combate
O es un loco de remate,
Sin respeto por la vida.
Por supuesto que lo digo
Desde el papel de concripto
Porque aquel profesional
Que abrazó como carrera,
El servir bajo bandera
Defendiendo su nación,
Tiene outra concepción
Y lo vê de outra manera.
Pero yo estoy por la paz,
Por el respeto a la vida,
Me emociona la alegría
De um abuelo con su nieto
Tomando sol en la plaza,
El canto de la torcaza
Llamando a su compañero
En esas tardes de enero
Con su dulce olor a flores.
No, nunca más quiero dormir
Con un fusil en la mano,
Despertar sobresaltado
Por un terrible estallido
Ni escuchar el cruel sonido
De alguien antes de morir,
No quiero cerrar los ojos

De compañeros caídos,
Ni tocar a mis amigos
Para saber si aún respiran,
Se trata de honrar la vida
Que es mucho más que vivir.
De igual modo quiero ir
Otra vez a las Malvinas
Pero en un tiempo de paz
Y con Bandera Argentina.

A pergunta foi respondida. A entrevistadora agradeceu. E a Argentina... esta permanece em silêncio...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos contos de fadas, as histórias que começam com: “era uma vez”, sempre terminam com a frase “e foram felizes para sempre”.

Esta história não termina com um final feliz certamente.

Ao iniciar esta pesquisa nos perguntávamos: Em que medida os ex-combatentes foram acolhidos pela sociedade argentina no pós-guerra?

A resposta é: não houve e ainda não há acolhida. Não há abraços fraternos e agradecimentos. Há silêncio. Há distanciamento. Há rejeição.

Pode-se perguntar a qualquer argentino, hoje, que significado tem a Guerra das Malvinas em sua história. A absoluta maioria não saberá responder à esta pergunta. Não se pergunta-se, intimamente, de que guerra se está falando.

Esta é uma pergunta que o povo argentino não se faz, porque não quer responder, porque Malvinas é um trauma não resolvido em suas consciências. Houve uma derrota militar e pessoal neste episódio, encoberta por um impressionante processo de esquecimento forçado. Hoje, vinte e cinco anos depois,

ainda não se sabe como reagir e o que pensar sobre este importante acontecimento da história argentina. Deve-se celebrar ou chorar?

As histórias de vida captadas neste trabalho, são instrumento de reconstrução da identidade dos ex-combatentes, e não apenas relatos soltos. São a forma destes veteranos definirem seu lugar social e suas relações com o evento ocorrido no longínquo território malvinense.

Os ex-combatentes não se vêem como vítimas mas como protagonistas ativos desta experiência, se vêem como agentes sociais e protagonistas de suas próprias histórias e da história de seu país.

Na verdade, a visão de vítima foi construída pela sociedade argentina, como uma reação posterior à guerra e como forma de transferir a culpa ao governo militar e fazer esquecer o seu papel de cúmplice de tudo o que aconteceu nas Malvinas.

A sociedade foi cúmplice deste ato insensato comandado pela Junta Militar e, portanto, na visão dos ex-combatentes - é tão responsável quanto esta.

A memória social, conscientemente reprimida, produziu a exclusão e condenou à margem centenas de ex-combatentes, que foram às ilhas representar esta sociedade e defender seus interesses.

A sociedade prefere fazer silêncio em torno de uma memória que traria sofrimentos maiores que as próprias lembranças. O ato de lembrar faria doer a consciência coletiva.

Nas memórias reprimidas, a verdadeira dimensão do acontecido fica abafada e permite a criação e manutenção de uma versão oficial que exime a sociedade da participação no evento. Mas esta versão não coincide com a dos que efetivamente construíram aquele momento evocado.

Porém, o silêncio presente na Argentina não é o vazio sem história, é o silêncio significativo.

É necessário que a sociedade argentina evoque a lembrança do ano de 1982. É preciso que reconheça aqueles que lutaram nos gelados territórios do sul e que ofereceram a vida pela Pátria. Assim como é necessário – para que este reconhecimento seja verdadeiro - que esta sociedade assuma o seu papel enquanto responsável, junto com o Estado, por todos os eventos ocorridos na Guerra das Malvinas.

Este conflito teve dois resultados distintos: um emocional, que toca profundamente as fibras do coração argentino, que sensibiliza o sentimento pátrio, e

provoca culpa; e outro racional, que conduz a um juízo severo sobre o resultado das decisões adotadas pela junta militar em 1982 – a guerra suja que tentou torna-se limpa.

Ao completarem-se 25 anos de Guerra das Malvinas, tentou-se com este trabalho repensar o conflito, conhecer as experiências e os sentimentos que deram forma a este episódio que tanto fala sobre o povo argentino. Não foi um trabalho desprovido de paixão, pelo contrário, foi um trabalho carregado de emoção, onde entraram em jogo valores, principalmente o valor da vida humana, e sentimentos dolorosos, expressos na face de cada entrevistado.

Não foi fácil escrever este trabalho, pois falar de Malvinas – do ponto de vista dos ex-combatentes – não é apenas falar da relação entre o arquipélago e a nação, mas falar de sentimentos, de formas de pensar e sentir a história, o passado e o futuro.

É difícil encontrar um ponto de equilíbrio entre aqueles que querem silêncio e aqueles que querem justiça.

Acredita-se que os relatos obtidos foram valiosíssimos, porém, este trabalho poderia ter sido mais rico se tivéssemos tido a oportunidade de entrevistar um número maior de ex-combatentes. Porém, isto foi inviável em virtude do tempo reduzido para a pesquisa e por esta ter sido financiada pela própria autora, de forma que não foi possível permanecer muito tempo em outro país para uma maior coleta de dados.

Outra dificuldade encontrada pela pesquisadora, foi a escassez de bibliografia a respeito do tema. Encontra-se muita bibliografia que trata das estratégias militares da guerra, da visão política, econômica e de relações internacionais a respeito desta. Porém, há muito poucos trabalhos do ponto de vista social e que trabalhem com narrativas.

Sugere-se a continuação desta pesquisa, de forma a ampliar a discussão e aprofundar o estudo do tema.

Enquanto houver veteranos, haverá vozes para serem ouvidas. Na falta destes, provavelmente, só haja silêncio.

Com este trabalho buscou-se encontrar razões para não repetir, para não permitir, para não continuar sepultando a existência de pessoas que foram protagonistas de um episódio importante da história argentina.

Conclui-se este trabalho dando fé da existência do passado, testemunhando através das narrativas dos veteranos, os acontecimentos do ano de 1982, para evitar que desapareça definitivamente da história.

FONTES E REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

CAPARELLI, Sérgio. **Ditaduras e indústrias culturais: no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1989.

HAGUETE, Maria Teresa Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

LORENZ, Federico G. **Las guerras por Malvinas**. Buenos Aires: Edhasa, 2006.

LORENZ, Federico G. Recuerdos Negados. Malvinas: la historia oral y nuestro pasado reciente. In: **Voces Recobradas – Revista de Historia Oral**. Año 3. Número 10. Buenos Aires: Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, abril 2001.

LUZARDO, Gustavo J.; SAMPEDRO, José M. **Herido en combate: poemas de guerra**. La Plata: Visual Mark, 1999.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

PALERMO, Vicente. **Sal em las heridas: las Malvinas en la cultura argentina contemporanea**. Buenos Aires: Sudamerica, 2007.

QUEIROZ, Duarte Paulo de. **Conflicto das malvinas**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

ROZITCHNER, Leon. **Malvinas: de la guerra sucia a la guerra limpia. El punto ciego de la critica politica**. Buenos Aires: Rosadas, 2005.

TEDESCO, João Carlos. **Usos de memórias (politica, educação e identidade)**. Passo Fundo: UPF, 2002

TEDESCO, João Carlos. Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF, Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

ZAMBOM, Antônio Lídio de Mattos. A posição dos jornais brasileiros perante a guerra das Malvinas. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

LIBORIO, Omar. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <omar_liborio@hotmail.com > em 18 julho. 2007.

LIBORIO, Omar. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <omar_liborio@hotmail.com > em 19 julho. 2007.

PIETRO, Jorge de. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <cevecim@argentina.com > em 18 julho 2007.

ANEXOS

